

The I Ching (Yi King)

Exported from Holy-Writings.com on 2026-06-20 — 1 clipping

This Project Gutenberg Etext prepared by Luiz Antônio Gusmão
Luiz Antonio Gusmao <luizgusmao@bol.com.br>
This Etext is our first in Portuguese!

LENDAS DO SUL

J. Simões Lopes Neto

1913

Echenique & C. — Editores

Pelotas

NOTA

Convém recordar que o primeiro povoamento branco do Rio Grande do Sul foi espanhol; seu poder e influencia estenderam-se até depois da conquista das Missões; provém disso que as velhas lendas rio-grandenses acham-se tramadas no acervo platino de antanho.

Vem da Ibéria, a topar-se com a ingênua e confusa tradição guaraníca (v. g. a lenda da M'boi-tátá) a mescla cristã-árabe de abusões e misticismo; dos encantamentos e dos milagres; desses elementos, confundidos e abrumados (p. ex. a salamanca do serro do Jarau), nasceram idealizações novas e típicas adaptadas ou decorrentes do meio físico e das gentes ainda na crassa infância das concepções.

E, como entre conquistadores brancos corria intensa e rábida a febre da riqueza — o sonho escaldante do El-Dorado — a fulgir nas areias e nos cascalhos, espadanando das entranhas misteriosas e apoiadas do Novo-Mundo, a preponderante vivaz das suas ficções é sempre a imantada ânsia — pelo ouro!, forte sobre a dor e a própria morte...

Com a entrada dos mamelucos paulistas outras e doutra feição vieram do centro e norte do Brasil: o saci, o caápora, a oiára, que esfumaram-se no olvido.

Por último uma única se formou já entre gente lusitana radicada e a incipiente, nativa: a do Negrinho do pastoreio.

A estrutura de tais lendas perdura; procurei delas dar aqui uma feição expositiva — literária e talvez menos feliz — como expressão da dispersa forma porque a ancianidade subsistente transmite a tradição oral, hoje quase perdida e mui confusa: ainda por aí se avaliará das modificações que o tempo exerce sobre a memória anônima do povo.

A M'BOI-TÁTÁ

A' Andrade Neves Neto

Meu caro Simões L. Neto

_Agradeço não me haveres esquecido com a tua amizade e com o teu talento. A lenda da “_boi-tátá_”, também conhecida dos nossos sertanejos, com variantes que muito a diferenciam da que escreveste, deve figurar no “folk-lore” gaúcho, onde já cintila, acesa por ti, a velinha do “Negrinho do Pastoreio”, à cuja claridade puseste meu nome. Prossegue, porque fazes trabalho de valor e muito me alegro por haver insistido com a tua modéstia para que continuasses a colher, aqui, ali, essas flores eternas da Poesia do povo, fazendo com elas o ramo que será um encanto para todas as almas e glória para o teu nome. Abraço-te_

teu

Coelho Neto

Rio 20-XI-09

A M'BOI-TÁTÁ

I

Foi assim:

num campo muito antigo, muito, houve uma noite tão comprida que pareceu que nunca mais haveria luz do dia.

Noite escura como breu, sem lume no céu, sem vento, sem serenada e sem rumores, sem cheiro dos pastos maduros nem das flores da mataria.

Os homens viveram abichornados, na tristeza dura; e porque churrasco não havia, não mais sopravam labaredas nos fogões e passavam comendo canjica insossa; os borralhos estavam se apagando e era preciso poupar os tições...

Os olhos andavam tão enfiados da noite, que, ficavam parados, horas e horas, olhando sem ver as brasas vermelhas do nhanduvái... as brasas somente, porque as faíscas, que alegram, não saltavam, por falta do sopro forte de bocas contentes.

Naquela escuridão fechada nenhum tapejara seria capaz de cruzar pelos trilhos do campo, nenhum flete crioulo teria faro nem ouvido nem vista para bater querência; até nem sorro daria no seu próprio rastro!

E a noite velha ia andando... ia andando...

II

Minto:

no meio do escuro e do silêncio morto, de vez em quando, ora duma banda ora doutra, de vez em quando uma cantiga forte, de bicho

vivente, furava o ar; era o _têu-têu_ ativo, que não dormia desde o entrar do último sol e que vigiava sempre, esperando a volta do sol novo, que devia vir e que tardava tanto já...

Só o _têu-têu_ de vez em quando cantava; o seu — _quero quero!_ — tão claro, vindo de lá do fundo da escuridão, ia agüentando a esperança dos homens, amontoados no redor avermelhado das brasas.

Fora disto, tudo o mais era silêncio; e de movimento, então, nem nada.

III

Minto:

na ultima tarde em que houve sol, quando o sol ia descambando para o lado para o outro lado das coxilhas, rumo do minuano, e de onde sobe a estrela d'alva, nessa ultima tarde também desabou uma chuarada tremenda; foi uma manga d'água que levou um tempão a cair, e durou... e durou...

Os campos foram inundados; as lagoas subiram e se largaram em fitas coleando os tacuruzais e banhados, que se juntaram, todos, num; os passos cresceram e todo aquele peso d'água correu para as sangas e das sangas para os arroios, que ficaram bufando, campo fora, campo fora, afogando as canhadas, batendo no lombo das coxilhas. E nessas coroas é que ficou sendo o paradoro da animalada, tudo misturado, no assombro. E era terneiros e pumas, tourada e potrilhos, perdizes e guaraxains, tudo amigo, de puro medo. E então!...

Nas copas dos butiás vinham encostar-se bolos de formigas, as cobras se enroscavam na enredija dos aguapés; e nas estivas do santa-fé e das tiriricas boiavam os ratões e outros miúdos.

E, como a água encheu todas as tocas, entrou também na da cobra grande, a — _boi-guassú_ — que, havia já muitas mãos de luas, dormia quieta, entanguida. Ela então acordou-se e saiu, rabiando.

Começou depois a mortandade dos bichos e a _boi-guassú_ pegou a comer as carniças. Mas só comia os olhos e nada, nada mais.

A água foi baixando, a carniça foi cada vez engrossando, e a cada hora mais olhos a cobra grande comia.

IV

Cada bicho guarda no corpo o sumo do que comeu.

A tambeira que só come trevo maduro, dá no leite o cheiro doce do milho verde; o cerdo que come carne de bagual nem vinte alqueires de mandioca o limpam bem; e o socó tristonho e o biguá matreiro até no sangue tem cheiro de pescado. Assim também, nos homens, que até sem comer nada, dam nos olhos a cor dos seus arrancos. O homem de olhos

limpos é guapo e mão aberta; cuidado com os vermelhos; mais cuidado com os amarelos; e toma tenência dobre com os raiados e baços!...

Assim foi também, mais de outro jeito, com a _boi-guassú_, que tantos olhos comeu.

V

Todos — tantos, tantos! que a cobra grande comeu —, guardavam entranhando e luzindo, um rastilho da última luz que eles viram do último sol, antes da noite grande que caiu... E os olhos — tantos, tantos! — com um pingo de luz cada um, foram sendo devorados; no princípio um punhado, ao depois uma porção, depois um bocadão, depois, como uma braçada...

VI

E vai,

como a _boi-guassú_ não tinha pêlos como o boi, nem escamas como o dourado, nem penas como o avestruz, nem casca como o tatu, nem couro grosso como a anta vai, o seu corpo foi ficando transparente clareado pelos miles de luzezinhas, dos tantos olhos que foram esmagados dentro dele, deixando cada qual sua pequena réstia de luz. E vai, afinal, a boi-guassú toda já era uma luzerna, um clarão sem chamas, já era um fogaréu azulado, de luz amarela e triste e fria, saída dos olhos, que fora guardada neles, quando ainda estavam vivos...

VII

Foi assim e foi por isso que os homens, quando pela primeira vez viram a _boi-guassú_ tão demudada, não a conheceram mais. Não conheceram e julgando que era outra, muito outra, chamaram-na desde então, de _boi-tátá_, cobra de fogo, _boi-tátá_ , a _boi-tátá_ !

E muitas vezes a _boi-tátá_ rondou as rancherias, faminta, sempre que nem chimarrão. Era então que o téu-téu cantava, como bombeiro.

E os homens, por curiosos, olhavam pasmados, para aquele grande corpo de serpente, transparente — _tátá_, de fogo — que media mais braças que três laços de conta e iam alumando baçamente as carquejas... E depois, choravam. Choravam, desatinados do perigo, pois as suas lágrimas também guardavam tanta ou mais luz que só os olhos e a _boi-tátá_ ainda cobiçava os olhos vivos dos homens, que já os da carniça enfaravam...

VIII

Mas, como dizia:

na escuridão só avultava o clarão baço do corpo da _boi-tátá_ , e era por ela que o _téu-téu_ cantava de vigia, em todos

os flancos da noite.

Passado um tempo, a _boi-tátá_ morreu; de pura fraqueza morreu, porque os olhos comidos encheram-lhe o corpo mas não lhe deram sustância, pois que sustância não tem a luz que os olhos em si entranhada tiveram quando vivos...

Depois de rebolar-se rabiosa nos montes de carniça, sobre os montes pelados, sobre as carnes desfeitas, sobre as cabelamas soltas, sobre as ossamentas desparramadas, o corpo dela desmanchou-se, também como cousa da terra, que se estraga de vez.

E foi então que a luz que estava preza se desatou por aí.

E até pareceu cousa mandada: o sol apareceu de novo!

IX

Minto:

apareceu, sim, mas veio de sopetão. Primeiro foi se adelgçando o negrume, foram despontando as estrelas; e estas se foram sumindo no coloreado do céu; depois foi sendo mais claro, mais claro, e logo, na lonjura, começou a subir uma lista de luz... depois a metade de uma cambota de fogo... e já foi o sol que subiu, subiu, subiu até vir a pino e descambar, como dantes, e desta feita, para igualar o dia e a noite, em metades, para sempre.

X

Tudo o que morre no mundo se junta à semente de onde nasceu, para nascer de novo: só a luz da _boi-tátá_ ficou sozinha, nunca mais se juntou com outra luz de que saiu.

Ainda sempre se arrisca e só, nos lugares onde quanta carniça houve, mais se infesta. E no inverno, de entanguida, não aparece e dorme talvez entocada.

Mas de verão, depois da quentura dos mormaços, começa então seu fadário.

A _boi-tátá_, toda enroscada, como uma bola — _tátá_, de fogo! — empeça a correr pelo campo, coxilha abaixo, lomba acima, até que horas da noite!...

É um fogo amarelo e azulado, que não queima a macega seca nem aquece a água dos mananciais; e rola, gira, corre, corcoveia e se despenca e arrebenta-se, apagando... e quando menos se espera, aparece, outra vez, do mesmo jeito!

Maldito! T'esconjuro!

XI

Quem encontra a _boi-tátá_ pode até ficar cego... Quando alguém topa

com ela só tem dois meios de se livrar: ou ficar parado, muito quieto, de olhos apertados e sem respirar, até ir-se ela embora, ou se anda a cavalo, desenrodilhar o laço, fazer uma armada grande e atirar-lha em cima, e tocar a galope, trazendo o laço de arrasto, todo solto, até a ilhapa!

A _boi-tátá_ vem acompanhado o ferro da argola... mas de repente batendo numa macega, toda se desmancha, e vai esfarinhando a luz, para emulitar-se de novo, com vagar, na aragem que ajuda.

XII

Campeiro precatado! reponte o seu gado da _boi-tátá_ : o pastiçal, aí, faz peste...

Tenho visto!

A SALAMANCA DO JARAU

A Alcides Maya

O Serro do Jarau 1

A salamanca 2

I

Era um dia...,

um dia, um gaúcho pobre, Blau, de nome, guasca de bom porte, mas que só tinha de seu um cavalo gordo, o facão afiado e as estradas reais, estava conchavado de posteiro, ali na entrada do rincão; e nesse dia andava campeando um boi barroso.

E no tranquilo andava, olhando; olhando para o fundo das sangas; para o alto das coxilhas, ao comprido das canhadas; talvez deitado estivesse entre as carquejas — a carqueja é sinal de campo bom —, por isso o campeiro às vezes alçava-se nos estribos e, de mão em pala sobre os olhos, firmava mais a vista entorno; mas o boi]barroso, crioulo daquela querência, não aparecia; e Blau ia campeando, campeando...

Campeando e cantando:

“Meu bonito boi barroso,
Que eu já contava perdido,
Deixando o rastro na areia
Foi logo reconhecido.

“Montei no cavalo escuro
E trabalhei logo de espora;
E gritei — aberta, gente,
Que o meu boi se vai embora! —

“No cruzar uma picada,
Meu cavalo relinchou,

Dei de rédea para a esquerda,
E o meu boi me atropelou!

“Nos tentos levava um laço
De vinte e cinco rodilhas.
P’ra laçar o boi barroso
Lá no alto das coxilhas!

“Mas o mato carrasquento
Onde o boi ‘stava embretado,
Não quis usar o meu laço
P’ra não vê-lo retalhado

“E mandei fazer um laço
Da casca do jacaré,
P’ra laçar meu boi barroso
Num redomão pangaré.

“E mandei fazer um laço
Do couro da jacutinga,
P’ra laçar meu boi barroso
Lá no passo da restinga.

“E mandei fazer um laço
Do couro da capivara
P’ra laçar meu boi barroso
Nem que fosso à meia-cara;

“Este era um laço de sorte,
Pois quebrou do boi a balda”...

.....
.....

No tranquilo ia, cantando, e pensando na sua pobreza,
no atraso das suas cousas.

No atraso das suas cousas, desde o dia em que topou — cara à cara!
— com o Caipora num campestre da serra grande, p’ra lá,
muito longe no Botucaraí...

A lua ia recém saindo...; e foi à boquinha da noite...

Hora de agouro pois então!...

Gaúcho valente que era dantes, ainda era valente agora; mas, quando
cruzava o facão com qualquer paisano, o ferro da sua mão ia mermando
e o do contrario o lanhava...

Domador destorcido e parador, que, por só pabolagem gostava de
paletear, ainda era domador agora; mas, quando gineteava mais
folheiro, às vezes, num redepente, era volteado...

De mão feliz para plantar, que não lhe chochava semente nem muda de

raiz se perdia, ainda era plantador, agora; mas, quando a semente ia apontando da terra, dava uma praga em toda, tanta, que benzedura não vencia...; e o arvoredo do seu plantio crescia entecado e mal floria, e quando dava fruta, era mixe e era azeda...

E assim, por esse teor, as cousas corriam-lhe mal; e pensando nelas o gaúcho pobre, Blau, de nome, ia, ao tranquilo, campeando, sem topar co' o boi barroso.

De repente, na volta duma reboleira, bem na beirada dum boqueirão, sofreu o tostado...: ali em frente, quieto e manso, estava um vulto, de face tristonha e mui branca.

Aquele vulto de face branca... aquela face tristonha!...

Já ouvira falar dele, sim, não uma nem duas, mas muitas vezes...; e de homens que o procuravam, de todas as pintas, vindos de longe, num propósito, para endrominas de encantamentos..., conversas que se falavam baixinho, como num medo; p'r'o caso, os que podiam não contavam, porque uns, desandavam apatetados e vagavam por aí, sem dizer cousa com cousa, e outros calavam-se muito bem calados, talvez por juramento dado...

Aquele vulto era o santão da salamanca do serro.

Blau Nunes sofreu o cavalo.

Correu-lhe um arrepio no corpo, mas era tarde para recuar: um homem é para outro homem!...

E como era ele

quem chegava, ele é que tinha de louvar; saudou:

— Láus' Sus' Cris'!...3

— Para sempre, amem! disse o outro, e logo ajuntou: O boi barroso vai trepando serro acima, vai trepando... Ele anda cumprindo o seu fadário..4

Blau Nunes pasmou do adivinho; mas respondeu:

— Vou no rastro!...

— Está enredado...

— Sou tapejara, sei tudo, palmo a palmo, até à boca preta do fumo do serro...

— Tu... tu, paisano, sabes a entrada da salamanca?...

— É lá?... Então, sei, sei! A salamanca do serro do Jarau!...

Desde a minha avó charrua, que eu ouvi falar!...

— O que contava a tua avó?

— A mãe da minha mãe dizia assim:

II

— Na terra dos espanhóis, do outro lado do mar, havia uma cidade chamada—Salamanca — onde viveram os mouros, os mouros que eram mestres nas artes de magia; e era numaurna escura que eles guardavam o condão mágico, por causa da luz branca do sol, que diz' que desmancha a força da bruxaria...

O condão estava no regaço de uma fada velha, que era uma princesa moça, encantada, e bonita como só ela!...

Num mês de quaresma os mouros escarneceram muito do jejum dos batizados, e logo perderam uma batalha muito pelejada; e vencidos foram obrigados ajoelharem-se ao pé da Cruz Bendita... e a baterem nos peitos, pedindo perdão...

Então, depois, alguns, fingidos de cristãos, passaram o mar e vieram dar nestas terras sossegadas, procurando riquezas, ouro, prata, pedras finas, gomas cheirosas... riquezas para levantar de novo o seu poder e alçar de novo a Meia-Lua sobre a Estrela de Belém...

E para segurança das suas traças trouxeram escondida a fada velha, que era a sua formosa princesa moça...

E devia ter mesmo muito força o condão, porque nem os navios se afundaram, nem os frades de bordo desconfiaram, nem os próprios santos que vinham, não sentiram...

Nem admira, porque o condão das mouras encantadas sempre aplastou a alma dos frades e não se importa com os santos do altar, porque esses são só imagens...

Assim bateram nas praias da gente pampeana os tais mouros e mais outros espanhóis renegados. E como eles eram, todos, de alma condenada, mal puseram pé em terra, logo na meia noite da primeira sexta-feira foram visitados pelo Diabo deles, que neste lado do mundo era chamado de Anhangá-pitã5 e mui respeitado. Então, mouros e renegados disseram ao que vinham; e Anhangá-pitã folgou muito; folgou, porque a gente nativa daquelas campanhas e destas serras era gente sem cobiça de riquezas, que só comia a caça, o peixe, a fruta e as raízes que Tupã despejava sem conta, para todos, das suas mãos sempre abertas e fazedoras...

Por isso Anhangá-pitã folgou, porque assim minava para o peito dos inocentes as maldades encobertas que aqueles chegados traziam...; e pois, escutando o que eles ambicionavam para vencer a Cruz com a força do Crescente, o maldoso pegou do condão mágico — que navegara em navio bento e entre frades rezadores e santos milagrosos —, esfregou-o no suor do seu corpo e virou-o em pedra transparente; e lançando o bafo queimante do seu peito sobre a fada moura, demudou-a

teiniaguá⁶, sem cabeça. E por cabeça encravou então no novo corpo da encantada a pedra, aquela, que era o condão, aquele.

E como já era sobre a madrugada, no crescimento da primeira luz do dia, do sol vermelho que ia querendo romper dos confins por sobre o mar, por isso a cabeça de pedra transparente ficou vermelha como brasa e tão brilhante que os olhos de gente vivente não podiam parar nele, ficando encandeiados, quase cegos!...

E desfez-se a companhia até o dia da peleja da nova batalha. E chamaram — salamanca — à furna desse encontro; e o nome ficou p'r'as furnas todas, em lembrança da cidade dos mestres mágicos.

Levantou-se um ventarrão de tormenta e Anhangá-pitã, trazendo num bocó a teiniaguá, montou nele, de salto, e veio correndo sobre a correnteza do Uruguai, por léguas e léguas, até as suas nascentes, entre serranias macotas.

Depois, desceu, sempre com ela; em sete noites de sexta-feira ensinou-lhe a vaqueanajem de todas as furnas recamadas de tesouros escondidos... escondidos pelos cauílas, perdidos para os medrosos e achadio de valentes... E a mais desses, muitos outros tesouros que a terra esconde e que só os olhos do zaorís⁷ podem vispar...

Então Anahangá-pitã, cansado pegou num cochilo pesado, esperando o cardume da desgraças novas, que deviam pegar p'ra sempre...

Só não tomou tenência que a teiniaguá era mulher...

Aqui está tudo o que eu sei, que a minha avó charrúa⁸ contava à minha mãe, e que ela já ouviu, como cousa velha, contar por outros que, esses, viram!...

E Blau Nunes bateu o chapéu para o alto da cabeça, deu um safanão no cinto, aprumando o facão...; foi parando o gesto e ficou-se olhando, sem mira, para muito longe, para onde a vista não chegava mas onde o sonho acordado que havia nos seus olhos chegava de sobra e ainda passava... ainda passava, porque o sonho não tem lindeiros nem tapumes...

Falou então

o vulto de face branca e tristonha; falou em voz macia.

E disse assim:

III

É certo:

não tomou tenência que a teiniaguá era mulher... Ouve paisano.

No costado da cidade onde eu vivia havia uma lagoa, larga e funda, com uma ilha de palmital, no meio. Havia uma lagoa...

A minha cabeça foi banhada na água benta da pia, mas nela encontraram soberbos pensamentos maus... O meu peito foi ungido com os santos óleos, mas nele entrou a doçura que tanto amarga, do pecado...

A minha boca provou do sal piedoso... e nela entrou a frescura que queimeira, dos beijos da tentadora...

Mas, é que assim era o fado... ; tempo e homem virão para me libertar, quebrando o encantamento que me amarra; duzentos anos não de findar; eu esperarei no entanto, vivendo na minha tristeza seca, tristeza de arrependido que não chora...

Tudo o que me volteia no ar tem seu dia de aquietar-se no chão...

Era eu que cuidava dos altares e ajudava a missa dos santos padres na igreja de S. Tomé, do lado ao poente do grande rio Uruguai. Sabia bem acender os círios, feitos com a cera virgem das abelheiras da serra; e bem balançar o turíbulo, fazendo ondear a fumaça cheirosa do rito; e bem tocar a santos, na quina do altar, dois degraus abaixo, à direita do padre; e dizia as palavras do missal; e nos dias de festa sabia repicar o sino; e bater as horas, e dobrar a finados... Eu era o sacristão.

Um dia, na hora do mormaço, todo o povo estava nas sombras, sesteando; nem voz grossa de homem, nem cantoria das moças, nem choro de crianças: tudo sesteava. O sol faiscava nos pedregulhos lustrosos, e a luz parecia que tremia, peneirada no ar parado, sem uma viração.

Foi nessa hora que eu saí da igreja, pela portinha da sacristia, levando no corpo a frescura da sombra benta, levando na roupa o cheiro da fumaça piedosa. E sai sem pensar em nada, nem de bem nem de mal; fui andando como levado...

Todo o povo sesteava, por isso ninguém viu.

A água da lagoa borbulhava toda, numa fervura, ronquejando tal e qual como uma marmitta no borralho. Por certo que lá embaixo, dentro da terra é que estaria o braseiro que levantava aquela fervura que cozinhava os juncos e as traíras e pelava as pernas dos socós e espantava todos os mais bichos barulhentos daquelas águas...

Eu vi, vi o milagre de ferver toda uma lagoa... ferver, sem fogo que se visse!

A mão direita, pelo costume, andou a fazer o “Pelo Sinal”... e parou, pesada como chumbo; quis rezar um “Credo”, e a lembrança dele recuou; e voltar, correr e mostrar o Santíssimo... e tanger o sino em dobre... e chamar o padre superior, tudo para esconjurar aquela obra do inferno... e nada fiz... sem força na vontade, nada fiz... nada fiz, sem governo no corpo!...

E fui andando, como levado, para mais de perto ver,
e não perder de ver o espantoso

Porém logo outra força acalmou tudo; apenas a água fumegante
continuou retorcendo os lodos remexidos, onde boiava toda uma
mortandade dos viventes que morrem sem gritar...

Era no fim de lançante comprido, estrada batida e limpa, de todos os
dias as mulheres irem para a lavagem; e quando eu estava na beira da
água, vendo o que estava vendo, então rompeu dela um clarão, maior
que o da luz a pino do dia, clarão vermelho, como dum sol morrente,
e que luzia desde o fundão da lagoa e varava a água barrenta...

E veio crescendo para a barranca, e saiu e tomou terra, e sem medo e
sem ameaça veio andando para mim a sempre escapada maravilha...,
maravilha que os que nunca viram juravam sempre ser — verdade — e
que eu, que estava vendo, ainda jurava ser — mentira! —

Era a teiniaguá, de cabeça

de cabeça de pedra luzente, por sem dúvida; dela já tinha ouvido ao
padre superior a historia contada dum encontradiço que quase cegou
de teimar em agarrá-la.

Entrecerrei os olhos, coando a vista, cautelando perigo; mas a
teiniaguá veio me chegando, deixando no chão um duro rastro d'água
que escorria e logo secava, do seu corpinho verde de lagartixa
engraçada e buliçosa...

Lembrei-me — como quem olha dentro de cerração — lembrei-me do
corria na voz da gente sobre o entanguimento que traspassa o nosso
corpo na hora do encantamento: é como o azeite fino no couro
ressequido...

Mas não perdi de todo a retentiva: pois que da água saía, é que na
água viveria. Ali perto, entre os capins, vi uma guampa e foi o
quanto agarrei dela e enchi-a na lagoa, ainda escaldando, e frenteei
a teiniaguá que, da vereda que levava, entreparou-se, trememente,
firmando nas patinhas da frente, a cabeça cristalina, como curiosa,
faiscando...

De olhos apertados, piscando, para me não atordoar dum golpe de
cegueira, assentei no chão a guampa e preparando o bote, num
repente, entre susto e coragem, segurei a teiniaguá e meti-a para
dentro dela!

Neste passo senti o coração como que martelar-me no peito e cabeça
sonando como um sino de catedral...

Corri para o meu quarto, casa grande dos santos padres. Entrei pelo
cemitério, por detrás da igreja, e desatinado, derrubei cruces,
pisoteei ramos, calquei sepulturas!...

Todo o povo sesteava; por isso ninguém viu.

Fechei a guampa dentro da canastra e fiquei estatelado, pensando.

Pelo falar do padre superior eu bem sabia que quem prendesse a teiniaguá ficava sendo o homem mais rico do mundo; mais rico que o Papa de Roma, e o imperador Carlos Magno e o rei da Trebizonda e os Cavaleiros da Tábola...

Nos livros que eu lia estes todos eram os mais ricos que conhecia.

E eu, agora!...

E não pensei mais dentro da minha cabeça, não; era uma cousa nova e esquisita: eu via, com os olhos, os pensamentos diante deles, como se fossem cousas que se pudesse tantear com as mãos...

E foram se escancarando as portas de castelos e palácios, onde eu entrava e saía, subia e descia escadarias largas, chegava às janelas, arredava reposteiros, deitava-me em trastes que nunca tinha visto e servia-me em baielas estranhas, que eu não sabia para o que prestavam...

E foram-se estendendo e alargando campos sem fim, perdendo o verde no azul das distancias, e ainda lindando com outras estancias, que também eram minhas e todas cheias de gadaria, rebanhos e manadas...

E logo cancheava erva nos meus ervais, cerrados e altos como o mato virgem...

E atulhava de planta colhida — milho, feijão, mandioca — os meus paióis.

E detrás das minhas camas, em todos os quartos dos meus palácios, amontoava surrões de ouro em pó e pilhotes de barras de prata; dependuradas na galhação de cem cabeças de cervo, tinha bolsas de couro e de veludo atochadas de diamantes, brancos como gotas d'água filtrada em pedra, que os meus escravos — saídos mil, chegados dez —, tinham ido catar nas profundas do sertão, muito para lá duma cachoeira grande, em meia lua, chamada de Iguaçu, muito p'ra lá doutra cachoeira grande, de sete saltos, chamada de Iguaira...

Tudo isto eu media e pesava e contava, até cair de cansaço; e mal que respirava um descanso, de novamente, de novamente pegava a contar, a pesar, a medir...

Tudo isto eu podia ter — e tinha, de meu, tinha! —, porque era dono da teiniaguá, que estava presa dentro da guampa, fechada na canastra forrada de couro cru, taxeadada de cobre, dobradiças de bronze!...

Aqui ouvi o sino da torre badalando para a oração da meia-tarde...

Pela primeira vez não fui eu que toquei: devia ser um dos padres,

na minha falta.

Todo o povo sesteava, por isso ninguém viu.

Voltei a mim. Lembrei-me de que o animalzinho precisava alimento.

Tranquei portas e janelas e saí para buscar um porongo de mel de lechiguana, por ser o mais fino.

E fui; melei; e voltei.

Abri sutil a porta e tornei a fechá-la ficando no escuro.

E quando descerrei a janela e andei para a canastra a tirar a guampa e libertar a teiniaguá para comer o mel, quando ia fazer isso, os pés se me enraizaram, os sentidos do rosto se ariscaram e o coração mermou no compassar do sangue!...

Bonita, linda, bela, na minha frente estava uma moça!...

Que disse:

IV

— Eu sou a princesa moura encantada, trazida de outras terras por sobre um mar que os meus nunca sulcaram... Vim, e Anhangá-pitã transformou-me em teiniaguá de cabeça luminosa, que outros chamam o — carbúnculo — e temem e desejam, porque eu sou a rosa dos tesouros escondidos dentro da casca do mundo...

Muitos tem me procurado com o peito somente cheio de torpeza, e eu lhes hei escapado das mãos ambicioneiras e dos olhos cobiçosos, relampejando desdenhosa o lume vermelho da minha cabeça transparente...

Tu, não; tu não me procuraste ganoso... e eu subi ao teu encontro; e me bem trataste pondo água na guampa e trazendo mel fino para o meu sustento.

Si quiseres, tu, todas as riquezas que eu sei, entrarei de novo na guampa e irás andando e me levarás onde eu te encaminhar, e serás senhor do muito, do mais, do tudo!...

A teiniaguá que sabe dos tesouros, sou eu, mas sou também a princesa moura...

Sou jovem... sou formosa..., o meu corpo é rijo e não tocado!...

E estava escrito que tu serias o meu par.

Serás o meu par... se a cruz do teu rosário me não esconjurar... se não, serás ligado ao meu flanco, para, quando quebrado o encantamento, do sangue de nós ambos nascer uma nova gente, guapa e sábia, que nunca mais será vencida, porque terá todas as riquezas que eu sei e as que tu lhe carrearás por via dessas!...

Si a cruz do teu rosário não me esconjurar...

Sobre a cabeça da moura amarelejava nesse instante o crescente dos infieis...

E foi se adelgçando

no silêncio a cadencia em balante da fala induzidora.

A cruz do meu rosário...

Fui passando as contas, apressado e atrevido, começando na primeira... e quando tentei a ultima... e que entre as duas os meus dedos, formigando, deram com a Cruz do Salvador... fui levantando o Crucificado... bem em frente da bruxa, em salvatério... na altura do seu coração... na altura da sua garganta... da sua boca... na altura dos...

E aí parou, porque olhos de amor, tão soberanos e cativos, em mil vidas de homem como o aroma sai da flor que vai apodrecendo...

Cada noite

era meu ninho o regaço da moura; mas quando batia a alva, ela desaparecia ante a minha face cavada de olheiras...

E crivado de pecados mortais, no adjutório da missa trocava os amém, e todo me estortegava e doía quando o padre lançava a benção sobre a gente ajoelhada, que rezava para alivio dos seus pobres pecados, que nem pecados eram, comparados com os meus...

Uma noite ela quis misturar o mel do seu sustento com o vinho do sacrifício; e eu fui, busquei no altar o copo de ouro consagrado, todo laborado de palma e resplendores; e trouxe-o, transbordante, transbordando...

E embebedados cáimos, abraçados.

Sol nado, despertei

estava cercado pelos santos padres.

Eu, descomposto; no chão o copo, entornado; sobre o oratório, desdobrada, uma charpa de seda, lavrada de bordaduras, exóticas, onde sobressaía uma meia-lua prendendo entre as aspas uma estrela... E acharam a canastra guampa e no porongo o mel... e até no ar farejaram cheiro mulherengo... Nem tanto era preciso para ser logo jungido em manilhas de ferro.

Afrontei o arrocho da tortura, entre ossos e carnes amachucadas e unhas e cabelos repuxados. Dentro das paredes do segredo não havia gritos nem palavras grossas; os padres remordiam a minha alma, prometendo o inferno eterno e exprimiam o meu arquejo decifrando uma confissão...; mas a minha boca não falou..., não falou por senha

firme da vontade, que não me palpitava confessar quem era ela e que era linda...

E raivado entre dois amargos desesperos não atinava sair deles: se das riquezas, que eu queria só p'ra mim, se do seu amor, que eu não queria que fosse senão meu, inteiro e todo!

Mas por senha da vontade a boca não falou.

Fui sentenciado a morrer pela morte do garrote, que é infame; condenado fui por ter dado passo errado com bicho imundo, que era bicho e mulher moura, falsa, sedutora e feiticeira.

No adro e no largo da igreja o povo ajoelhado batia nos peitos, clamando a morte do meu corpo e a misericórdia para a minha alma.

O sino começou dobrando a finados. trouxeram-me em braços, entre alabardas e lanças, e um cortejo moveu-se ,compassando a gente d'armas, os santos padres, o carrasco e o povaréu.

Dobrando a finados... dobrando a finados...

Era por mim.

V

E quando, sem mais esperança nos homens nem no socorro do céu, chorei uma lágrima de adeus à teiniaguá encantada, dentro do meu sofrer floreteou uma réstia de saudade do seu cativo e soberano amor...., como em rocha dura serpenteia às vezes um fio de ouro alastrado e firme, como uma raiz que não quer morrer!...

E aquela saudade parece que saiu para fora do meu peito, subiu aos olhos feita em lágrima e ponteou para algum rumo, ao encontro doutra saudade rastreada sem engano...; parece, porque nesse momento um ventarrão estourou sobre as águas da lagoa e a terra tremeu, sacudida, tanto, de as arvores desprenderem os seus frutos, de os animais estaquearem-se, medrosos, e de os homens caírem do cóc'ras, agüentando as armas, outros, de bruços, tateando o chão...

E nas correntezas sem corpo, da ventania, redomoinhavam em chusma vozes de guaranis , esbravejando se soltasse o padecente...

Para traz do cortejo, desfiando o som entre as poeiras grossas e folhas secas levantadas, continuava o sino dobrando a finados... dobrando a finados!...

Os santos padres, pasmados mas sisudos, rezavam encomendando a minha alma; em roda, boquejando, chinas, piás, índios velhos, soldados de couraça e lança, e o alcaide, vestido de samarra amarela com dois leões vermelhos e a coroa del-rei brilhando em canutilho de ouro...

A lágrima do adeus ficou suspensa, como uma cortina que embacia o claro ver: e o palmital da lagoa, o boleado das coxilhas, o recorte

da serra, tudo isto, que era grande e sozinho cada um enchia e sobrava para os olhos limpos dum homem, tudo isso eu enxergava junto, empastalhado e pouco, espelhando-se na lágrima suspensa, que se encrespava e adelgaçava, fazendo franjas entre as pestanas balançantes dos meus olhos de condenado sem perdão...

A menos de braça, estava o carrasco atento no garrote!

Mas os olhos do meu pensamento, altanados e livres, esses, esses viam o corpo bonito, lindo, belo, da princesa moura, e recreiavam-se na luz cegante da cabeça encantada da teiniaguá, onde reinavam os olhos dela, olhos de amor, tão soberanos e cativos como em mil vidas de homens outros se não viram!...

E por certo por essa força que nos ligava sem ser vista, como naquele dia em que o povo sesteava e também nada viu... por força dessa força, quanto mais os padres e alguazis ordenavam que eu morresse, mais pelo meu livramento forcejava o irado peito da encantada, não sei se de amor perdida pelo homem, se de orgulho perverso do perjuro, se da esperança de um dia ser humana...

O fogo dos borralhos foi-se alteando em labaredas e saindo pelas quinchas dos ranchos, sem queimá-los...: as crianças de peito soltaram palavras feitas, como gente grande...; e bandadas de urubus apareceram e começaram a contradançar tão baixo, que se lhes ouvia o esfregar das penas contra o vento..., a contradançar, afiados para uma carniça que ainda não havia porém que havia de haver...

Mas os santos padres alinharam-se na sombra do Santíssimo e borrifaram de água benta o povo amedrontado; e seguiram como num propósito, encomendando a minha alma; o alcaide levantou o pendão real e o carrasco varejou-me sobre o garrote, infâmia de minha morte, por ter todo amores com mulher moura, falsa, sedutora e feiticeira...

Rolou então, sobre o vento e nele foi a lágrima do adeus, que a saudade distilara.

Deu logo a lagoa um ronco bruto, nunca ouvido, tão dilatado e monstruoso...: e rasgou—se cerce em um sangão medonho, entre largo e fundo... e lá no abismo, na caixa por onde ia já correndo, em borbotão, a água lamenta sujando as barrancas novas, lá eu vi e todos e todos viram a teiniaguá de cabeça de pedra transparente, fogachando luminosa como nunca, a teiniaguá correr estrombando os barrocais, até rasgar, romper, arruir a boca do sangão na alta barranca do Uruguai, onde a correnteza em marcha despencou-se, espadanando em espumarada escura, como caudal de chuvas tormentosas!...

A gente levantou p'r'o céu um vozear de lastimas e choros e gemidos.

— Que a Missão de S. Tomé ia perecer... e dasabar a igreja... a terra expulsar os mortos do cemitério... que as crianças inocentes iam perder a graça do batismo... e as mães secar o leite... e as roças o plantio, os homens a coragem...

Depois de um grande silêncio balançou no ar, como esperando...

Mas um milagre se fez: o Santíssimo de se próprio, perpassou a altura das cousas, e lá em cima, cortou no ar turvado a Cruz Bendita!... o padre superior tremeu como em terçã e tartamudo e trôpego marchou para o povoado; os acólitos seguiram, e o alcaide, os soldados, o carrasco e a índiada toda desandou, como em procissão, emparvados, num assombro, e sem ter mais do que tremer, porque ventos, fogo, urubus e estrondos se humilharam, fenecendo, dominados!...

Fiquei sozinho, abandonado, e no mesmo lugar e mesmos ferros posto.

Fiquei sozinho, ouvindo com os ouvidos da minha cabeça as ladainhas que iam minguando, em retirada... mas também ouvindo com os ouvidos do pensamento o chamado carinhoso da teiniaguá; os olhos do meu rosto viam a consolação da Maria Puríssima que se alonjava... mas os olhos do pensamento viam a tentação do riso mimoso da teiniaguá; o nariz do meu rosto tomava o fardo do incenso que fugia, ardendo e perfumando as santidades... mas o fardo do pensamento sorvia a essência das flores do mel fino de que a teiniaguá tanto gostava; a língua da minha boca estava seca, de agonia, dura, de terror, amarga, de doença... mas a língua do pensamento saboreava os beijos da teiniaguá, doces e macios, frescos e sumarentos como polpa de guabiju colhido ao nascer do sol; o tato das minhas mãos tocava manilhas de ferro, que me prendiam por braços e pernas... mas o tato do pensamento roçava sôfrego pelo corpo da encantada, torneado e rijo, que se encolhia em ânsias, arrepiado como um lombo de jaguar no cio, que se estendia planchado como um corpo de cascavel em fúria...

E tanto como ia entrando na cidade, ia eu chegando à barranca do Uruguai; tanto como as gentes, lá, iam acabando as orações para alcançar a clemência divina, ia eu começando o meu fadário todo dado à teiniaguá, que me enfeitiçou de amor, pelo seu amor de princesa moura, pelo seu amor de mulher, que vale mais que destino de homem!...

Sem peso de dores nos ossos e nas carnes, sem peso de ferros no corpo, sem peso de remorsos na alma passei o rio para lado do Nascente. A teiniaguá fechou os tesouros da outra banda e juntos fizemos então caminho para o Serro do Jarau, que ficou sendo o paiol das riquezas de todas as salamancas dos outros lugares.

Para a memória do dia tão espantoso lá ficou o sangão rasgado na

baixada da cidade de Santo Thomé,⁹ desde o tempo antigo das Missões.

VI

Faz duzentos anos que aqui estou; aprendi sabedorias árabes e tenho tornado contentes alguns raros homens que bem sabem que a alma é um peso entre o mandar e o ser mandado...

Nunca mais dormi; nunca mais nem fome, nem sede, nem dor, nem riso...

Passeio no palácio maravilhoso, dentro deste Serro do Jarau, ando sem parar e sem cansaço; piso com pés vagarosos, piso torrões de ouro em pó, que se desfazem como terra fofa; o areião dos jardins, que calco, enjoado, é todo feito de pedras verdes e amarelas e escarlates e azuis, rosadas, violetas... e quando a encantada passa todas incendeiam-se num íris de cores rebrilhantes, como se cada uma fosse uma brasa viva faiscando sem a mais leve cinza...; há poços largos que estão atulhados de doblões e de onças e peças de jóias e armaduras, tudo ouro maciço do Peru e do México e das Minas Gerais, tudo cunhado com os troféus dos senhores reis de Portugal e de Castela e Aragão...

E eu olho para tudo, enfarado de ter tanto e não poder gozar nada entre os homens, como quando era como eles e como eles gemia necessidades e cuspiam invejas, tendo horas de bom coração por dias de maldade e sempre aborrecimento do que possuía, ambicionando o que não possuía...

O encantamento que eu acompanhe os homens de alma forte e coração sereno que quiserem contratar a sorte nesta salamanca que eu tornei famosa, do Jarau.

Muitos tem vindo... e têm saído piorados, para lá longe irem morrer do medo aqui pegado, ou andarem pelos povoados assustando as gentes, loucos, ou pelos campos fazendo vida com os bichos brutos...

Poucos toparam a parada... ah!... mas esses que toparam, tiveram o que pediram, que a rosa dos tesouros, a moura encantada não desmente o que eu prometo, nem retoma o que dá!

E todos os que chegam deixam um resgate de si próprios para nosso livramento um dia...

Mas todos os que vieram são altaneiros e vieram arrastados pela ânsia da cobiça ou dos vícios, ou dos ódios: tu foste o único que veio sem pensar e o único que me saudou como um filho de Deus...

Foste o primeiro, até agora; quando terceira saudação de cristão bafejar estas alturas, o encantamento cessará, porque eu estou arrependido... e com Pedro Apostolo que três vezes negou Cristo foi perdoado, eu estou arrependido e serei perdoado.

Está escrito que a salvação há de vir assim: e por bem de mim,
quando cessar o meu cessará também o encantamento da teiniaguá:
quando isso se der a salamanca desaparecerá, e todas as riquezas,
todas as pedras finas, todas as peças cunhadas, todos os
sortilégios, todos os filtros para amar por força... para matar...
para vencer... tudo, tudo, tudo se virará em fumaça que há de sair
pelo cabeço roto do serro, espalhada na rosa dos ventos pela rosa
dos tesouros...

Tu me saudaste — o primeiro, tu! — saudaste como cristão.

Pois bem:

alma forte e coração sereno!... Quem isso tem, entra na salamanca,
toca o condão mágico e escolhe o quanto quer...

Alma forte e coração sereno! A furna escura está lá: entra! Entra!
Lá dentro sopra um vento quente que apaga qualquer torcida de
candeia... e tramado nele corre outro vento frio... que corta como
serrilha e geada.

Não há ninguém lá dentro... mas bem que se escuta voz de gente,
vozes que falam... falam, mas não se entende o que dizem, porque são
línguas atoadas que falam, são os escravos da princesa moura, os
espíritos da teiniaguá... Não há ninguém... não se vê ninguém: mas
há mãos que batem. como convidando, no ombro do que entra firme, e
que empurram, como ainda ameaçando, o que recua com medo...

Alma forte e coração sereno! Se entrares assim, se te portares lá
dentro assim, podes então querer e serás servido!

Mas governa o pensamento e segura a língua: o pensamento
dos homens é que os levanta acima do mundo, e a sua
língua é que os amesquinha...

Alma forte e coração sereno!... Vai!

Blau, o guasca,

apoiou-se; meneou o flete e por de seguro ainda pelo cabresto
prende-o a um galho de camboim que verga sem quebrar-se; rodou as
esporas para o peito do pé; aprumou de jeito o facão;
santiguou-se, e seguiu...

Calado fez; calado entrou...

O sacristão levantou-se e o seu corpo desfez-se em sombra
na sombra da reboleira.

O silêncio que então se desdobrou era como o vôo parado das corujas:
metia medo...

VII

Blau Nunes foi andando.

Entrou na boca da toca apenas aí clareada e isso pouco, por causa da ramaria que se cruzava nela; p'ra o fundo era tudo escuro...

Andou mais, num corredor dumas braças: mais, ainda; sete corredores ancião deste.

Blau Nunes foi andando.

Enveredou por um deles; fez voltas e contravoltas, subiu, desceu. Sempre escuro. Sempre silêncio.

Mãos de gente, sem gente que ele visse, batiam-lhe no ombro.

Numa cruzada de carreiros sentiu ruído de ferros que se chocavam, tinir de muitas espadas, seu conhecido.

Por então o escuro ia já mudado num luzir de vaga-lume.

Grupos de sombras com feitio de homens pelavam de morte; nem pragas nem fuzilar d'olhos raivosos, porém furiosos eram os golpes que elas iam talhando umas nas outras, no silêncio.

Blau teve um relance de parada, mas atentou logo no dizer do vulto de face branca e tristonha — Alma forte, coração sereno...

E meteu o peito por entre o espinheiro, sentiu o corte delas, o fino das pontas, o redondo dos copos... mas passou, sem nem olhar aos lados, num entono, escutando porém choros e gemidos dos peleadores.

Mãos mais leves bateram-lhe no ombro, como carinhosas e satisfeitas.

Outro mais ruído nenhum ouvia ele no ar quieto da furna que o rangido do cabrestilhos das suas esporas.

Blau Nunes foi andando.

Andando numa luz macia, que não dava sombra como os caminhos dum cupim era a furna, dando corredores sem conta, a todos os rumos; e ao desembocar do em que vinha, justo num cotovelo dele, saltaram-lhe aos quatro lados jaguares e pumas, de goela aberta e bafo quente, patas levantadas mostrando as unhas, a cola mosqueando, numa fúria...

E ele meteu o peito e passou, sentindo a cerda dura das feras roçarem-lhe o corpo; passou sem pressa nem vagar, escutando os urros que p'ra traz iam ficando e morrendo sem eco...

As mãos, de braços que ele não via, em corpos que não sentia, mas que, certo o ladeavam, as mãos iam-lhe sempre afagando os ombros, sem bem o empurrar, mas atirando-o para adiante... adiante...

A luz ia na mesma, cor da de vaga-lume, esverdeada e amarela...

Blau Nunes foi andando.

Agora era um lançante e ao fim dele parou num redondel topetado de ossamentas de criaturas. Esqueletos, de pé, encostados uns nos outros, muitos, derreados, como numa preguiça; pelo chão caídas, partes deles, despencadas; caveiras soltas, dentes branqueando, tampos de cabeças, buracos de olhos; pernas e pés em passo de dança, alcatras e costelas meneando-se num vagar compassado, outras em saracoteio...

Aí o seu braço direito quase moveu-se acima, como para fazer o sinal da cruz;... porém — alma forte, coração sereno! — meteu o peito e passou entre as ossadas, sentindo o bafio que elas soltavam das suas juntas bolorentas.

As mãos, aquelas, sempre brandas, afagavam-lhe outra vez os ombros...

Blau Nunes foi andando.

O chão ia alteando-se, numa trepada forte que ele venceu sem aumentar a respiração; e num desvão, a modo dum forno, teve de passar por uma como porta dele, e aí dentro era um jogo de línguas de fogo, vermelho e forte, como atizado com lenha de nhanduvái; e repuxos d'água saídos das paredes batiam nele e referviam, chiando, fazendo vapor; um ventarrão rondava ali dentro, enovelando águas e fogos, que era uma temeridade cortar aquele turbilhão...

Outra vez ele meteu o peito e passou, sentindo o mormaço das labaredas.

As mãos do ar mais o palmeavam nos ombros, como querendo dizer— muito bem!—

Blau Nunes foi andando.

Já tinha perdido a conta do tempo e do rumo que trazia; sentia no silêncio como que um peso de arrobas; a claridade mortiça, porém já se lhe assentara nos olhos e tanto, que viu adiante, em sua frente e caminho um corpo enroscado, sarapintado e grosso, batendo no chão uns chocalhos, grandes como ovos de téu-téu.

Era boicininga, guarda desta passagem, que levantava a cabeça flechosa, lanceando o ar com a língua de cabelos, preta, firmando no vivente a escama dos olhos, luzindo, preto, como botões de veludo...

Das duas prezas recurvas, grandes como as aspas dum tourito de soberano, pingava uma gota escura que era a peçonha sobrança por um muito jejum de mortandade, lá fora...

A boicininga — a cascavel amaldiçoada — toda se meneava, chocalhando os guizos, como por aviso, fueirando o ar com a língua, como por prova...

Uma serenada de suor minou na testa do paisano... porém ele meteu o

peito e passou, vencendo sem olhar, a boicininga altear-se e descair, chata e tremente... e passou, ouvindo o chocalho da que não perdoa, o silbido da que não esquece...

E logo então, que era este o quinto passo de valentia que vencera sem temer — de alma forte e coração sereno — logo então as mãos voantes anediaram-lhe o cabelo, palmearam-lhe mais chegadas os ombros.

Blau Nunes foi andando.

Desembocou num campestre, de gramado fofo, que tinha um cheiro doce que ele não conhecia; em toda a volta arvores enfloradas e estadeando frutos; passarinhada de penas vivas e cantoria alegre; veadinhos mansos; capororocas e outro muito bicharedo, que recreava os olhos; e listando a meio o campestre, brotado duma roca coberta de samambaias, um olho d'água, que saía em toalha e logo corria em riachinho, pipocando o quanto-quanto sobre areião solto, palhetado de malacachetas brancas, como uma farinha de prata...

E logo uma roda de moças — cada qual que mais cativa! — uma ronda alegre saiu dentre o arvoredo, a cercá-lo, a seduzi-lo, a ele Blau, gaúcho pobre, que só mulheres de anáguas resvalonas conhecia...

Vestiam-se em frouxo trançado de flores, outras de fios de contas, outras na própria cabeleira solta...; estas chegavam-lhe à boca caramujos estrambóticos, cheios de bebida recendente e fumegando entre vidros frios, como de geada; dançavam outras num requebro marcado como por música... outras lá, acenavam-lhe para a lindeza dos seus corpos, atirando no chão esteiras macias, num convite aberto e ardiloso...

Porém ele meteu o peito e passou, com as fronteiras golpeando, por motivo do ar malicioso que seu bofe respirava...;

Blau Nunes foi andando.

Entrou no arvoredo e foi logo rodeado por uma tropa de anões, cambaios e cabeçudos, cada qual melhor para galhofa, e todos em piruetas e mesuras, fandangueiros e volantins, pulando como aranhões, armando lutas, fazendo caretas impossíveis para rostos de gente...

Porém o paisano meteu o peito neles e passou, sem nem sequer um ar de riso no canto dos olhos...

E com este, que era o último, contou os sete passos das provas.

E logo então, aqui, surdiu-lhe em frente o vulto de face tristonha e branca, que, certo, lhe andara nas pisadas, de companheiro — sem corpo — e sem nunca lhe valer nos apuros do caminho; e tomou-lhe a mão.

E Blau Nunes foi seguindo.

Por detrás de um cortinado como de escamas de peixe-dourado, havia um socavão reluzente. E sentada numa banquetta transparente, fogueando cores como as do arco-íris, estava uma velha, carquincha e curvada, e como tremendo de caduca.

E segurava nas mãos uma varinha branca, que ela revirava e tangia, e atava em nós que se destorciam, ficando sempre linheira.

— Cunhã, disse o vulto, o paisano quer!

— Tu, vieste; tu, chegaste; pede, tu, pois! respondeu a velha.

E moveu e ergueu o corpo magro, dando estalos nas juntas e levantou a varinha para o ar; logo o condão coriscou por sobre ela uma chuva de raios, mais que como num temporal desfeito das nuvens carregadas cairia. E disse:

— Por sete provas que passaste, sete escolhas dar-te-ei...
Paisano, escolhe!

Para ganhar a parada em qualquer jogo;... de naipes, que as mãos ajeitam, de dados, que a sorte revira, de cavalos, que se cotejam, do osso, que se sopesa, da rifa... queres?

— Para tocar a viola e cantar... amarrando nas cordas dela o coração das mulheres que te escutarem..., e que hão de sonhar contigo, e ao teu chamado irão — obedientes, como aves varadas pelo olhar das cobras — deitar-se entregues ao dispor dos teus beijos, ao apertar dos teus braços, ao resfolegar dos teus desejos... queres?

— Não! respondeu a boca, por mandado só do ouvido...

— Para conhecer as ervas, as raízes, os sucos das plantas e assim poderes curar os males dos que tu estimares ou desfazer a saúde dos que aborreceres;... e saber simpatias fortes para dar sonhos ou loucura, para tirar a fome, relaxar o sangue, e gretar a pele e espumar os ossos... ou para ligar apartados, achar cousas perdidas, descobrir invejas...; queres?

— Não!

— Para não errar o golpe — de tiro, lança ou faca — em teu inimigo, mesmo no escuro ou na distância, parado ou correndo, destro ou prevenido, mais forte que tu ou astucioso...; queres?

— Não!

— Para seres ricaço de campo e gado e manadas de todo o pelo; ... queres?

— Não!

— Para fazeres pinturas em tela, versos harmoniosos, novelas de sofrimentos, autos de chocarrice, músicas de consolar, lavores no ouro, figuras no mármore... queres?

— Não!

— Pois que em sete poderes te não fargas nada te darei, porque do que te foi prometido nada quiseste. Vai-te!

Blau nem se moveu; e, carpindo dentro em si a própria rudeza, pensou no queria dizer e não podia e que era assim:

—Teiniaguá encantada! Eu te queria a ti, porque tu és tudo!... És tudo o que eu não sei o que é, porém que atino que existe fora de mim, em volta de mim, superior a mim... Eu te queria a ti, teiniaguá encantada!...

Mas uma escuridão fechada, como nem noite a mais escura dá parelha, caiu sobre o silêncio que se fez, e uma força torceu o paisano.

Blau Nunes arrastou um passo e outro e terceiro; e desandou caminho; e quanto ele andara em voltas e contravoltas, em subidas e descidas, tanto em direitura foi bater na boca da furna por onde havia entrado, sem engano.

E viu atado e quieto o seu cavalo; em roda as mesmas restingas, ao longe os mesmos descampados mosqueados de pontas de gado, a um lado, o encordoado das coxilhas, a outro, numa aberta entre matos um claro prateado, que era a água do arroio.

Memorou o que tinha acabado de ver e de ouvir e de responder; dormido, não tinha, nem susto lhe tirara o entendimento.

E pensou que tendo tido oferta de muito não lograria nada por querer tudo;... e num arranco de raiva cega decidiu outra investida.

Votou-se para entrar de novo... mas bateu co'o peito na parede dura do serro. Terra maciça, mato cerrado, capins, limos... e nenhuma floresta, nem brecha nem buraco, nem furna, caverna, toca, por onde escorresse um corpinho de guri, quanto mais passasse porte de homem!...

Desanimado e penaroso, compôs o cavalo e montou; e ao dar de rédea apareceu-lhe pelo lado de laçar o sacristão, o vulto de face branca e tristonha, que tristemente estendeu-lhe a mão, dizendo:

— Nada quiseste; tiveste alma forte e coração sereno, tiveste, mas não soubeste governar o pensamento nem segurar a língua:...

Não te direi se bem fizeste ou mal.

Mas como és pobre e isso te aflige, aceita este meu presente, que te dou.

É uma onça de ouro que está furada pelo condão mágico; ele te dará tantas outras quantas quiseres, mas sempre de uma e nunca mais que uma por vez; guarda-a em lembrança de mim!

E o corpo do sacristão encantado desfez-se em sombra na sombra da reboleira...

Blau Nunes meteu na guaiaca a onça furada, e deu de rédea.

O sol tinha cambado e o Serro do Jarau já fazia sombra comprida sobre os bamburrais e restingas que lhe formavam assento.

VII

Na troteada para o posto em que morava, um ranchote de beira chão tendo como porta um couro —, Blau rumeou para uma venda grande que sortia aquele vizindário, mesmo a troco de courama, cerda ou algum tambeiro; e como vinha de garganta seca e a cabeça atordoada mandou botar uma bebida.

Bebeu; e puxou da guaiaca a onça e pagou; era tão mínima a despesa e o câmbio que veio, tanto, que pasmou, olhando para ele, de tão desacostumado que andava de ver dinheiro tanto, que chamasse seu...

E de dedos engatanhados socou-o todo para dentro do afogado.

Calado, montou de novo, retirando-se.

No caminho foi pensando nas todas cousas que carecia e que iria comprar. Entre aperos e armas e roupas, um lenço grande e umas botas, outro cavalo, umas esporas e embelecocos que pretendia, andava tudo por uma mão cheia de cruzados; e a si próprio perguntava se aquela onça encantada, dada para indez, teria mesmo o condão de entropilhar outras muitas, tantas como as que precisava, e mais ainda, outras e outras que seu desejo fosse despencando?!...

Chegou ao posto, e como homem avisado, não falou do que fizera durante o dia, apenas do boi barroso, que campeiou e não achou; e no seguinte, logo cedo saiu a campeiar a prova do prometido.

Naquele mesmo negociante ajustou umas roupas tafulonas; e mais uma adaga de cabo e bainha com anéis de prata; e mais as esporas e um rebenque de argolão.

Toda a compra passava de três onças.

E Blau, as fronteas latejando, a boca cerrada, num aperto que lhe fazia doer o carrinho, piscando os olhos, a respiração atropelada, todo ele numa desconfiança, Blau, por debaixo do seu balandrau remendado começou a gargantear a guaiaca... e caiu uma onça... e outra... e outra!... As quatro, que por agora eram tão de jeito!...

Mas não caíram duas e duas ou três e uma, ou as quatro, juntas, porém sim de uma a uma, as quatro, de cada vez só uma...

Voltou ao rancho com a maleta atochada, mas como homem avisado, não falou do acontecido.

No outro dia seguiu a outro rumo, para outro negociante mais forte e de prateleiras mais variadas. Já levava alinhavado o sortimento que ia fazer, e muito em ordem foi encomendando o aparte das cousas, tendo o cuidado para não querer nada de cortar, só peças inteiras, que era para, no caso de falhar a onça, recuar da compra, fazendo um feio, é verdade, mas não sendo obrigado a pagar estrago algum. Notou a conta, que andava por quinze onças, uns cruzados p'ra menos.

E outra vez, por debaixo do seu balandrau remendado, começou a gargantear a guaiaca, e logo lhe foi caindo na mão uma onça... e segunda... outra... e quarta, mais outra, e sexta... e assim de uma em uma, as quinze necessárias!

O negociante ia recebendo e alinhando sobre o balcão conforme vinham minando da mão do pagador, e quando estavam todas disse, entre risonho e desconfiado:

— Cuê-pucha!... cada das onça das suas parece que é um pinhão, que é preciso descascar à unha!...

No terceiro dia passou na estrada uma cavalhada; Blau fez parar a tropa e ajustou uma quadrilha, apartada por ele, à sua vontade, e como facilitou o preço, fechou-se o trato.

Ele e o capataz, sós no meio da cavalhada iam fazendo mover-se os animais; no apinhado de todas Blau marcava a cabeça que mais lhe agradava pelo focinho, pelos olhos, pelas orelhas; com um sovêu fino, de armada pequena, reboleava por dentro e ia, certo, laçar o bagual escolhido; se ainda, sem ovas e bons cascos, aprazia-lhe, tirava-o então, como seu, para o potreiro do piquete.

Olho de campeiro não errou vez alguma na escolha e trinta cavalos, a flor, foram apartados custando quarenta e cinco onças.

E enquanto a tropa verdeava e bebia, os tratistas foram para a sombra duma figueira que havia na bira da estrada.

Blau por debaixo do seu balandrau remendado, ainda desconfiado, começou a gargantear a guaiaca... e foi logo aparando onça por onça, uma, três, seis, dez, dezoito, vinte e cinco, quarenta, quarenta e cinco!...

O vendedor, estranhando aquela novidade e demora, não se conteve e disse:

—Amigo! As suas onças parecem todas de gerivá, que só cai uma de cada vez!...

Depois desses três dias de prova, Blau acreditou na onça encantada.

Arrendou um campo e comprou o gado, p'ra mais de dez mil cabeças, aquerenciando.

O negócio era muito acima de três mil onças, a pagar no recebimento.

Aí o coitado perdeu quase o dia inteiro a gargantear a guaiaca e a aparar onça a onça, uma atrás da outra, sempre uma a uma!...

Cansou-lhe o braço; cansou-lhe o corpo; não falhava golpe, mas tinha de ser como martelada, que não se dá duas ao mesmo tempo...

O vendedor, à espera que Blau completasse a soma, saiu, mateou, sesteou; e quando sobre à tarde voltou à ramada, lá estava ele ainda aparando onça traz onça...

Ao escurecer estava completo o ajuste.

Começou a correr a fama da sua fortuna. E todos espantavam-se, por ele, gaúcho despilchado de ontem, pobre, que só tinha de seu as chilcas, afrontar os abonados, assim, do pé para a mão... E também era falado do seu esquisito modo de pagar — que pagava sempre, valha a verdade — só de onça por onça, uma depois de outra e nunca ao menos duas, acolheradas!...

Aparecia gente a propor-lhe negócio, ainda de pouco preço, só para ver como aquilo era; e para todos era o mesmo mistério...

Mistério para o próprio Blau... muito rico... muito rico... mas de onça em onça, como tala de gerivá, que só cai de uma vez... como pinhão da serra, que só descasca de um a um!...

Mistério para Blau, muito rico... muito rico... mas todo dinheiro que ele recebia, que entrava das vendas feitas, todo dinheiro que lhe pagavam a ele, todo desaparecia, guardado na arca de ferro, desaparecia como desfeito em ar...

Muito rico... muito rico das onças que precisasse, e nunca faltaram para gastar no que lhe parecesse: bastava-lhe gargantear a guaiaca, e elas começavam a pingar;... mas nem uma das que recebia lhe ficava, todas evaporavam-se, como água em tijolo quente...

IX

Então começou a corre um boquejo de ouvido para ouvido... e era que ele tinha parte com o diabo, e que o dinheiro dele era maldito porque, todos com quem tratava e recebiam das suas onças, todos entravam ao depois a fazer maus negócios e todos perdiam em prejuízos exatamente a quantia igual à de suas mãos recebida.

Ele comprava e pagava e pagava à vista, é certo; o vendedor contava e recebia, é certo, mas o negócio empreendido por esse valor era prejuízo, garantido.

Ele vendia e recebia, é certo; mas o valor recebido, que ele

guardava e rondava sumia-se como um vento, e não era roubado nem perdido; era sumido, por si mesmo...

O boquejar foi alastrando, e já diziam que aquilo, por certo, era mandinga arrumada na salamanca do Jarau, onde ele foi visto mais de uma feita... e que lá é que se jogava a alma contra a sorte...

E os mais vivarachos já faziam suas madrugadas sobre o Jarau; outros mais sorros, p'ra lá tocavam-se ao escurecer; outros, atrevidos iam à meia-noite, outros ainda ao primeiro cantar dos galos...

E como nesse carreiro de precatados cada um fazia por ir de mais escondido, sucedeu que como sombras se pechavam entre as sombras das reboleiras, sem atinar co'a salamanca, ou sem topete para, na escuridão, quebrar aquele silêncio, chamando o santão, num grito alto...

No entanto, Blau começou a ser tratado de longe, como um chimarrão rabioso...

Já não tinha com quem pautear; churrasqueava solito, e mateava, rodeado dos cachorros, que uivavam, às vezes um, às vezes todos...

A peonada foi saindo e conchavando-se noutras partes; os negociantes nada compravam-lhe e negaceavam para vender-lhe; os andantes cortavam o campo, para não pararem em seus galpões...

Blau deu em cismar, e cisma foi que resolveu acabar com aquele cerco de isolamento, que o ralava e esmorecia...

Montou a cavalo e foi ao serro. Na trepada sentiu nos dois lados barulho nos bamburrais e nas restingas, mas pensou que seria alguma ponta de gado chucro que disparava e não fez caso; foi trepando, nem guaraxaim corrido, nem tatu vadio; era gente, que se escondia uns dos outros e dele...

Assim que chegou à reboleira do mato, tão sua conhecida e recordada, e como chegou, deu de cara com o vulto de face branca e tristonha, o sacristão encantado, o santão.

Ainda desta vez, como era ele que chegava, a ele competia louvar; saudou, como da outra:

— Laus' Sus' Cris'!...

— Para sempre, amém! respondeu o vulto.

Então Blau, de a cavalo, atirou-lhe ao* pés a onça de ouro, dizendo:

— Devolvo! Prefiro a minha pobreza dantes à riqueza desta onça, que não se acaba, é verdade, mas que parece amaldiçoada, porque nunca tem parilha e separa o dono dos outros donos de onças!... Adeus! Fica-te com Deus, sacristão!

— Seja Deus louvado! disse o vulto e caiu de joelhos, de mãos postas, como numa reza.

Pela terceira vez falaste no Nome Santo, tu, paisano, e com ele quebraste o encantamento!... Graças! Graças! Graças!...

E neste mesmo instante, que era o da terceira vez que Blau saudava no Nome Santo, neste mesmo momento ouviu-se um imenso estouro, que retumbou naquelas vinte léguas em redor; o Serro do Jarau, tremeu de alto a baixo, até as suas raízes, nas profundas da terra, e logo em cima, no chapéu do espigão, apareceu, cresceu, subiu aprumo-se, brilhou, apagou-se uma língua de fogo, alta como um pinheiro, apagou-se e começou a sair fumaça negra, em rolos grandes, que o vento ia tocando para longe, por cima do encordado das coxilhas, sem rumo feito, porque a fumaceira inchava e desparramava-se no ar, dando voltas e contravoltas, torcendo-se, enroscando-se em altos e baixos, num desgoverno, como uma tropa de gado alçado, que espirra e se desmancha como água passada em regador...

Era a queima dos tesouros da salamanca, como dissera o sacristão.

Sobre as caídas do Serro levantou-se um vozerio e tropel: eram os maulas que andavam rastreando a furna encantonada e que agora fugiam desguaritados, como filhotes de perdiz...

X

Para os olhos de Blau o serro ficou como vidro transparente, e então viu ele o que lá dentro se passava: os brigões, os jaguares, os esqueletos, os anões, as lindas moças, a boicininga, tudo, torcido e enovelado, amontoado, revolvido, corcoveava dentro das labaredas que subiam e apagavam-se dentro dos corredores, cada vez mais carregados de fumaça... e urros, gritos, tinidos, silbidos, gemidos, tudo se confundia no tronar da voz maior que estrondeava no cabeço empenchado do serro.

Ainda uma vez a velha carquincha transformou-se na teiniaguá... e a teiniaguá na princesa moura... a moura numa tapuia formosa;... e logo o vulto de face branca e tristonha tornou à figura do sacristão de S. Tomé, o sacristão, por sua vez, num guasca desempenado...

E assim, quebrado o encantamento que suspendia fora da vida das outras aquelas criaturas vindas do tempo antigo e lugar distante, aquele par, juntado e tangido pelo Destino,¹⁰ que é o senhor de todos nós, aquele par novo, de mãos dadas como namorados, deu as costas ao seu desterro, e foi descendo a pendente do coxilhão, até a várzea limpa, plana e verde, serena e amornada pelo sol claro, toda bordada de boninas amarelas, de bibis roxas, e malmequeres brancos, como uma cancha convidante para uma cruzada de ventura, em viagem de alegria, a caminho de repouso!...

Blau Nunes também não quis mais ver; traçou sobre o seu peito uma cruz larga, de defesa, na testa do seu cavalo outra, e deu de rédea e despacito foi baixando a encosta do serro, com o coração aliviado e retinindo como se dentro dele cantasse o passarinho verde...

E agora estava certo de que era pobre como dantes que comeria em paz e seu churrasco...; e em paz o seu chimarrão, em paz a sua sesta, em paz a sua vida!...

Assim acabou a salamanca do Serro do Jarau, que aí durou duzentos anos, 11 tantos se contam desde o tempo das Sete Missões, em que estas cousas principiaram.

Anhangá-pitã, também, desde aí, não foi mais visto. Dizem que desgostoso, anda escondido, por não haver tomado bem tenência que a teiniaguá era mulher...

Elucidação

1 Serro do Jarau —Na Coxilha Geral de Sant’Ana, sobre a linha divisória com a República do Uruguai.

Fica um pouco ao N. da cidade de Quaraí, em campos da família Assumpção, de Pelotas. É o ponto culminante (...metros) daquela zona, sendo avistado de muito longe. No fim da guerra do Farrapos (1845) notaram-se sobre o espigão do Serro, e parecendo dele sair, grossos rolos de fumaça. É essa a primeira notícia que há do fenômeno.

Outras combustões registraram-se depois, notadamente por 1904, em que se disse mesmo que havia expulsão de vapores ígneos.

2 Salamanca —Furna encantada; provém a denominação da cidade de Salamanca, na Espanha, onde existia, diz-se, uma célebre escola de magia, no tempo dos Mouros. A seguir a tradição local, o célebre caudilho Bento Manoel deveu a sua sorte guerreira, política, de fortuna ao conchavo que ajustou na salamanca do Jarau. Antes dele, alguns, mas depois, nenhum outro aí obteve mais nada, desde — “que o serro pegou fogo” — quando acabou o encantamento.

3 Laus’ Sus’ Cris’! —Forma abreviada e estranha, é certo, porém expressiva da saudação — Louvado seja Jesus Cristo! Ouvimo-la inúmeras vezes, em nossa infância.

4 Boi barroso —É a vaga lembrança de um boi encantado, que aparecia porém nunca era encontrado por mais procurado que fosse; e também denominação de uma antiga dança camponesa, cuja música era ornada de versos que eram cantados durante o folguedo.

5 Anhangá-pitã — Literalmente, do tupi-guarani: diabo vermelho.

6 Teiniaguá — Idem: lagartixa. A teiniaguá encantada também era chamada — carbúnculo, farol — e trazia engastada na cabeça “uma pedra preciosa que cintilava como brasa e de cor de rubim...

Semelhante animal nunca puderam apanhar nem vivo nem morto, porque por suas irradiações desvia os olhos e mãos dos perseguidores”. (Rev. C. Teschauer, S. J. na Rev. do Inst. do Ceará, 1911).

7 Zaorís — V. adiante a lenda referente.

8 Charruas — Tribo guerreira, indômita, acantonada sobre a Coxilha de Aedo, e dominando o rio Quaraí até o Uruguai e para L. até o rio Negro. As guerras e contínuas correrias que desde 1750 até mais de um século depois afligiram o Rio Grande e o Estado Oriental dizimaram esta tribo (como a outras) hoje por bem dizer, extinta. Desse quase acabamento e a deturpação das lendas que entre tais gentes floresceram.

9 Cidade de Santo Tomé — Na Argentina; sobre o Uruguai, entre o Rio Icamaguã e a cidade rio-grandense de S. Borja.

“Destruídas as reduções do Guaíra e expulsos pelos mamelucos, estabeleceram-se os missionários primeiro no centro do Rio Grande do Sul entre os rios Pardo e Jacuí. Mas só por poucos anos. Mais tarde, outra vez perseguidos e expulsos pelos mesmos, refugiaram-se uns para as hodiernas Sete Missões, os outros para a margem direita do Uruguai, incorporando-se à redução de Santo Tomé, de cujas ruínas se levantou depois a cidade do mesmo nome, quase em frente de S. Borja”. (Revo. C. Teschauer, citado)
Existe no arrabalde de S. Tomé a famosa sanga, que aponta como prova do acontecimento e poder da teiniaguá encantada.

10 ... tangido pelo Destino — É característico este traço no indivíduo rio-grandense, que até por hábito doméstico emprega como vulgares as expressões — sorte, destino, fado — Na gente inculta torna-se curiosa a indistinta veneração prestada ao divino e ao diabólico, como forças superiores que atuam sobre os homens.

11 ...aí durou duzentos anos, etc. — Coincide com a lamentação do sacristão encantado a era do período do mais calmo das missões sobre o rio Uruguai, 1650, em que formou-se a lenda.

O NEGRINHO DO PASTOREIO

A Coelho Netto

Pelotas — 1 de janeiro, 1907

Meu caro patrício Sr. J. Simões Lopes Netto.

Venho agradecer-lhe a dedicatória da lenda “O Negrinho do pastoreio” publicada no Correio Mercantil” de 26 de dezembro. Já conversamos sobre a necessidade que, todos quantos nos interessamos pela tradição temos de coligir as trovas e narrativas do velho tempo. Elas representam o sonho dos que passaram, são a bem-dizer o rastro das almas. Entendem muitos escritores que devem corrigir a afabulação e a forma de tais relíquias tirando-lhe o caráter ingênuo, o sabor suave que elas trazem de origem. O meu amigo não incorreu em tal culpa—procedeu como o file celta que, chamado para referir aos da “clan” as histórias dantanho, dizia-as repetindo com respeitosa observância da tradição tal como as ouvira dos maiores. E o que, sobretudo encanta no lindo raconto que me ofereceu, no qual transparece bem a alma do povo pastoral, é a simplicidade.— Lendo-a tive a impressão de estar ouvindo contada, em tom lento, por uma dessas velhinhas que são as conservadoras de muito primor da Poesia popular, tão rica em nossa pátria e tão desestimada.

Reiterando os meus agradecimentos peço-lhe que continue a respigarem tão rica seara trazendo-nos outros presentes como o que me ofereceu com tanta generosidade.

Muito seu agradecido

Coelho Neto

O NEGRINHO DO PASTOREIO

Naquele tempo os campos ainda eram abertos, não havia entre eles nem divisas nem cercas; somente numas volteadas se apanhava uma gadaria chucra e os veados e as avestruzes corriam sem empecilhos...

Era uma vez um estancieiro, que tinha uma ponta de surrões cheios de onças e meias doblas e mais muita prataria; porém era muito caufla e muito mau, muito.

Não dava posada a ninguém, não emprestava um cavalo a um andante; no inverno o fogo de sua casa não fazia brasas, as geadas e o minuano, podiam entanguir gente, que a sua porta não se abria; no verão a sombra dos seus umbus só abrigava os cachorros; e ninguém de fora bebia água das suas cacimbas.

Mas também quando tinha serviço na estância, ninguém vinha de boa vontade dar-lhe um auxílio; e a campeirada folheira não gostava de conchavar-se com ele, porque só dava para comer um churrasco de tourito magro, farinha grossa e erva caúna e nem um naco de fumo... e tudo, debaixo de tanta somiticaria e choradeira que parecia que era o seu próprio couro que ele estava lonqueando...

Só para três viventes ele olhava nos olhos: era para o filho, menino cargoso como uma mosca, para um baio de cabos negros, que era o seu

parelheiro de confiança, e para um escravo, pequeno ainda, muito bonitinho e preto como carvão e a quem todos chamavam somente o —Negrinho.

A este não deram padrinhos nem nome; por isso o Negrinho se dizia afilhado da Virgem, Senhora nossa, que é a madrinha de quem não a tem.

Todas as madrugadas o Negrinho galopeava parrelheiro; depois conduzia aos avios do chimarrão e à tarde sofria os maus tratos do menino, que o judiava e se ria.

Um dia, depois de muitas negaças, o estancieiro atou carreira com um seu vizinho. Este queria que a parada fosse para os pobres; o outro que não, que não! que a parada devia ser do dono do cavalo que ganhasse. E trataram: o tiro era trinta quadras, a parada, mil onças de ouro.

No dia aprazado, na cancha da carreira havia gente como em festa de santo grande.

Entre os dois parrelheiros a gauchada não sabia se decidir, tão perfeito era e bem balanceado cada um dos animais. Do baio era fama que quando corria, corria tanto, que o vento assobiava-lhe nas crinas; tanto, que só se ouvia o barulho, mas não se lhe viam as patas baterem no chão... E do mouro era voz que quanto mais cancha, mais agüente, e que desde a largada ele ia ser como um laço que se arrebenta...

As parcerias abriram as guaiacas, e aí no mais já se apostavam aperos contra rebanhos e redomões contra lenços.

— Pelo baio! Luz e doble!...

— Pelo mouro! Doble e luz!...

Os corredores fizeram suas partidas à vontade e depois as obrigadas; e quando foi a última na última, fizeram ambos sua senha e se convidaram. E amagando o corpo, de rebenque no ar, largaram, os parrelheiros menando cascos, que parecia uma tormenta...

— Empate! Empate! gritavam os aficionados ao longo da cancha por onde passava a parelha veloz, compassada como n'uma colhéra.

— Valha-me a Virgem madrinha, Nossa Senhora! gemia o Negrinho. Se o sete léguas perde meu senhor me mata! Hip! hip! hip!...

E baixava o rebenque, cobrindo a marca do baio.

—Se o corta-vento ganhar é só para os pobres! retrucava o outro corredor. Hip! hip!

E cerrava as esporas no mouro.

Mas os fletes corriam compassados como numa colhéra. Quando foi na última quadra, o mouro vinha arrematado e baio vinha aos tirões... mas sempre juntos, sempre emparelhados.

E a duas braças da raia, quase em cima do laço, o baio assentou de sopetão, pôs-se em pé e fez uma cara-volta,, de modo que deu ao mouro tempo mais que preciso para passar, ganhando de luz aberta! E o Negrinho, de em pelo, agarrou-se como um ginataço.

—Foi mal jogo! gritava o estancieiro

—Mau jogo! secundavam os outros da sua parceria.

A gauchada estava dividida: mais de um toreana coçou o punho da adaga, mais de um desapresilhou a pistola, mais de um virou as esporas para o peito do pé... Mas o juiz, que era um velho do tempo da guerra de Sapé-Tiaraiú, era um juiz macanudo, que já tinha visto muito mundo. Abanado a cabeça branca sentenciou, para todos ouvirem.

—Foi na lei! A carreira é de parada morta; perdeu o cavalo baio, ganhou o cavalo mouro. Quem perdeu, que pague. Eu perdi cem gateadas; quem as ganhou venha buscá-las. Foi na lei!

Não havia o que alegar. Despeitado e furioso o estancieiro pagou a parada, à vista de todos atirando as mil onças de ouro sobre o poncho do seu contrário, estendido no chão.

E foi um alegrão por aqueles pagos, porque logo o ganhador mandou distribuir tambeiros e leiteiras, covados de baetas e bagueais e deu de resto, de mota, ao pobrerio. Depois as carreiras seguiram com os changueiros que havia.

O estancieiro retirou-se para sua pobre casa e veio pensando, pensando, calado, em todo caminho. A cara dele vinha lisa, mas o coração vinha corcoveando como touro de banhado laçado e meia espalda... O trompaço das mil onças tinha-lhe arreventado a alma.

E conforme apeou-se, da mesma vereda mandou amarrar o Negrinho pelos pulsos a um palanque e dar-lhe, dar-lhe uma surra de relho.

Na madrugada saiu com ele e quando chegou no alto da coxilha falou assim:

— Trinta quadras tinha a cancha da carreira que tu perdeste: trinta dias ficarás aqui pastoreando a minha tropilha de tordilhos negros... O baio fica de piquete na soga e tu ficarás de estaca!

O Negrinho começou a chorar, enquanto os cavalos iam pastando.

Veio o sol, veio o vento, veio a chuva, veio a noite. O Negrinho,

varado de fome e já sem força nas mãos, enleiou a sogá num pulso e deitou-se encostado a cupim.

Vieram então as corujas e fizeram roda, voando, paradas no ar e todas olhavam-no com os olhos reluzentes, amarelos na escuridão. E uma piou e todas piaram, como rindo-se dele, paradas no ar, sem barulho nas asas.

O Negrinho tremia, de medo... porém de repente pensou na sua madrinha Nossa Senhora e sossegou e dormiu.

E dormiu. Era já tarde da noite, iam passando as estrelas; o Cruzeiro apareceu, subiu e passou; passaram as Três Marias; a estrela d'alva subiu... Então vieram os guaraxains ladrões e farejaram o Negrinho, e cortaram a guasca da sogá. O baio sentindo-se solto rufou a galope, e toda tropilha com ele, escaramuçando no escuro e desaguaritando-se nas canhadas.

O tropel acordou o Negrinho; os guaraxains fugiram, dando berros de escárnio.

Os galos estavam cantando, mas nem o céu nem as barras do dia se enxergava: era a cerração que tapava tudo.

E assim o Negrinho perdeu o pastoreio. E chorou.

O menino malévola foi lá e veio dizer ao pai que os cavalos não estavam. O estancieiro mandou outra vez amarrar o Negrinho pelos pulsos a um palanque e dar-lhe uma surra de relho.

E quando era já noite fechada ordenou-lhe que fosse campear o perdido. Regulando, chorando e gemendo, o Negrinho pensou na sua madrinha Nossa Senhora e foi ao oratório da casa, tomou o coto de vela aceso em frente da imagem e saiu para o campo.

Por coxilhas e canhadas, na beira dos lagoões, nos paradeiros e nas restingas, por onde o Negrinho ia passando, a vela benta ia pingando cera benta no chão: e de cada pingo nascia uma nova luz, e já eram tantas que clareavam a terra e as manadas chucras não disparavam... Quando os galos estavam cantando, como na véspera, os cavalos relincharam todos juntos. O Negrinho montou no baio e tocou por diante a tropilha, até coxilha que o seu senhor lhe marcara.

E assim o Negrinho achou o pastoreio. E se riu...

Gemendo, gemendo, o Negrinho deitou-se encostado ao cupim e no mesmo instante apagaram-se as luzes todas; e sonhando com a Virgem, sua madrinha, o negrinho dormiu. E não apareceram nem as corujas agoureiras nem os guaraxains ladrões; porém pior do que os bichos maus, ao clarear o dia veio o menino, filho do estancieiro e enxotou os cavalos, que se dispersaram, disparando campo fora, retouçando e

desguaritando-se nas canhadas.

O tropel acordou o Negrinho e o menino maleva foi dizer ao seu pai que os cavalos não estavam lá...

E assim o Negrinho perdeu o pastoreio. E chorou.

O estancieiro mandou outra vez amarrar o Negrinho pelos pulsos, a um palanque e dar-lhe, dar-lhe uma surra de relho... dar-lhe até ele não mais chorar nem bulir, com as carnes recortadas, o sangue vivo escorrendo do corpo... O Negrinho chamou pela Virgem sua madrinha e Nossa Senhora, deu um suspiro triste, que chorou no ar como uma música, e pareceu que morreu...

E como já e para não gastar a enxada em fazer uma cova, o estancieiro mandou atirar o corpo do Negrinho na panela de um formigueiro, que era para as formigas devorarem-lhe a carne e o sangue e os ossos... E assanhou bem as formigas; e quando elas, raivosas, cobriram todo o corpo do Negrinho e começaram a trincá-lo, é que então ele se foi embora, sem olhar para trás.

Nessa noite o estancieiro sonhou que ele era ele mesmo, mil vezes e que tinha mil filhos e mil negrinhos, mil cavalos baios e mil vezes mil onças de ouro... e que tudo isto cabia folgado dentro de um formigueiro pequeno...

Caiu a serenada silenciosa e molhou os pastos, as asas dos pássaros e a casca das frutas.

Passou a noite de Deus e veio a manhã e o sol encoberto.

E três dias houve cerração forte, e três noites o estancieiro teve o mesmo sonho.

A peonada bateu o campo, porém ninguém achou a tropilha e nem rastro.

Então o senhor foi ao formigueiro, para ver o que restava do corpo escravo.

Qual não foi o seu grande espanto, quando chagado perto, viu na boca do formigueiro o Negrinho de pé com a pele lisa, perfeita, sacudindo de si as formigas que o cobriam ainda!... O Negrinho, de pé, e ali ao lado o cavalo baio e ali junto, a tropilha dos trinta cordilhos... e fazendo-lhe frente, de guarda ao mesquinho, o estancieiro viu a madrinha dos que não a tem, viu a Virgem, Nossa Senhora, tão serena, posada na terra, mas mostrando que estava no céu... Quando tal viu, o senhor caiu de joelhos diante do escravo.

E o negrinho, sarado e risonho, pulando de em pelo e sem rédeas,

no baio, chupou o beijo e tocou a tropilha a galope.

E assim o Negrinho pela última vez achou o pastoreio. E não chorou, e nem se riu.

Correu no vizindário, a nova do fadário e da triste morte do Negrinho, devorado na panela do formigueiro.

Porém logo, de perto e de longe, de todos os rumos do vento, começaram a vir notícias de um caso que parecia um milagre novo...

E era, que os posteiros e os andantes, os que dormiam sob as palhas dos ranchos e os que dormiam na cama das macegas, os chasques que cortavam por atalhos e os tropeiros que vinham pelas estradas, mascates e carreteiros, todos davam notícia — da mesma hora — de ter visto passar, como levada em pastoreio, uma tropilha de tordilhos, tocada por um Negrinho, gineteando de em pelo, em um cavalo baio!...

Então, muitos acenderam velas e rezaram o Padre-nosso pela alma do judiado. Daí por diante, quando qualquer cristão perdia uma cousa, o que fosse, pela noite velha o Negrinho campeava e achava, mas só entregava a quem acendesse uma vela, cuja luz ele levava para pagar a do altar da sua madrinha, a Virgem, Nossa Senhora, que o remiu e salvou e deu-lhe uma tropilha, que ele conduz e pastoreia, sem ninguém ver.

Todos os anos, durante três dias, o Negrinho desaparece: está metido em algum formigueiro grande, fazendo visita às formigas, suas amigas; a sua tropilha esparramava-se; e um aqui, outro por lá, os seus cavalos retouçam nas manadas das estâncias. Mas ao nascer do sol do terceiro dia, o baio relincha perto do seu ginete; o Negrinho monta-o e vai fazer a sua recolhida; é quando nas estâncias acontece a disparada das cavalhadas e a gente olha, olha, e não vê ninguém, nem na ponta, nem na culatra.

Desde então e ainda hoje, conduzindo o seu pastoreio, o Negrinho, sarado e risonho, cruza os campos, corta os macegais, bandeia as restingas, desponta os banhados, vara os arroios, sobe as coxilhas e desce às canhadas.

O Negrinho anda sempre à procura dos objetos perdidos, pondo-os de jeito a serem achados pelos seus donos, quando estes acendem um coto de vela, cuja luz ele leva para o altar da Virgem Senhora, madrinha dos que não a têm.

Quem perder suas prendas nos campos, guarde a esperança: junto de

algun moirão ou sob os ramos das árvores, acenda uma vela para o Negrinho do pastoreio e vá lhe dizendo — Foi por aí que eu perdi... Foi por aí que eu perdi... Foi por aí que eu perdi!...

Se ele não achar... ninguém mais.

ARGUMENTO DE OUTRAS LENDAS MISSIONEIRAS E DO CENTRO E NORTE DO BRASIL.

MISSIONEIRAS

1

A mãe do ouro

O que é hoje serra de pedra já foi gente vivente: foi gente num tempo antigo, e por um castigo do céu, escureceu de repente e caída ficou onde estava...

Onde estavam sozinhos ficaram serros e serrotes; onde estavam apinhoscados ficou a serrania encordoada.

E os ossos aí estão acimentados, em pura pedra virados; a carne que os cobria deu terra negra; os cabelos são os matos, matos que bebem o sangue, que nos parece a nós apenas cascatinhas e vertentes; os lugares ocados que aparecem são os buracos do seu corpo, da sua boca e olhos, do seu nariz e ouvidos... As veias deram em ferro, e os nervos, como parte delicada, viraram-se ouro e são os veeiros amarelos que se entranham por aí abaixo, adentro da crosta, tal e qual os nervos estão entranhados na carnadura da gente.

Mas o que governa tudo, que não se sabe o que é, que é a Alma, que não morreu, essa é que é a Mãe do Ouro, porque ela não entrou no castigo, e que defende os nervos dos castigados, os veeiros da fortuna, para que no dia do Perdão cada um ache o que seu é...

Aí está porque, quando troveja, tantos raios caem sobre sobre certos serros e tanto ventarrão esbarra neles:... é a Mãe do Ouro que chama socorro...

Às vezes rebenta um serro destes com estrondo grande; se é de noite, no fogo que se vê sair, vai a cuidadeira de mudança para outro; se é de dia, é sempre no pino do meio dia, e na luz do sol que encandeia os olhos, apenas sente-se o rumo que ela toma, só o rumo, mas não o lugar novo em que ela vai fazer morada nova.

2

Serros Bravos

Dos mortos por seu castigo, alguns não ficaram bem mortos e ainda estrebucham, curtindo dores.

E como ainda estão meio vivos, quando algum vivente quer tirar para sua cobiça o ouro — que é os seus nervos e que doem — os Serros,

esses, enfurecem-se, e por força de encantamentos somem-se, rasos, ou atiram de uns para outros, temporais tão medonhos, que eriçam o cabelo e prendem o passo dos homens, mesmo os mais desabusados.

E se eles teimam, morrem.

3

A casa de M'bororé

Dentro do mato grosso, mato velho e crescido, sem plantas pequenas dentro, aí, só há uma luz pouca, tirante a verde e a cinzento: e nenhuma árvore faz sombra, porque a ramaria de todas faz peneira por onde passa o sol, que nunca enxerga o chão...

Dentro desse mato, no mais tupido dele, há uma lombada redonda, como uma casca de caramburé; aí, em cima dela, há uma casa de pedra branca, branca como se encaixada, e sem porta em nenhum lado nem janela em nenhuma altura.

Dentro da casa branca as salas estão lastradas de barras de ouro e barras de prata, do peso que é preciso dois homens para mover cada uma; e todas as juntas das pilhas estão tomadas de poeiras finas...

Por cima de tudo estão, em montes, tocheiros de ouro maciço e cálices e esplendores de santos; e salvas de prata e turíbulos e cajados.

Nos corredores, como prontos para içar para as cangalhas das mulas de carga, prontos, com as suas alças, estão lotes de surrões, socados de moedas de ouro, separadas em porções, medidas em bexigas de rês...

O rondador da casa branca anda dia e noite em redor dela; é um índio velho, cacique que foi, M'bororé, de nome, amigo dos santos padres das Sete Missões da serra que dá vertentes para o Uruguai.

Os padres foram tocados p'ra longe, levando só a roupa do corpo... mas a casa branca já estava feita, sem portas nem janelas... e M'bororé, que sabia tudo e era cacique, de noite, e precatado, com os seus guerreiros, carregou de todos os lugares para aquele as arrobas amarelas e as arrobas brancas, que não valiam a caça e a fruta do mato e a água fresca, e pelas quais os brancos de hoje matavam os nascidos aqui, e matavam-se uns aos outros.

M'bororé desprezava essas arrobas; mas como era amigo dos santos padres das Sete Missões, guardou tudo e espera por eles, rondando a casa branca, sem portas nem janelas.

Ronda e espera...

4

Zaorís

Nosso Senhor Jesus Cristo Louvado Seja Para Sempre! Amém!

Ele foi preso na quarta-feira, sentenciado na quinta e crucificado na sexta.

E neste mesmo dia de sexta-feira, houve no Céu o julgamento dos carrascos de Nosso Senhor, e logo desceu à Terra o arcanjo S. Miguel com a ordem de castigar aos judeus; e o arcanjo passou essa ordem aos anjos que estavam de guarda à Cruz, onde Nosso Senhor estava pregado e morto.

Enquanto S. Miguel esteve na Terra deixou sobre ela muito brilho da sua couraça de couro e das suas armas, e muita ventania das suas asas de prata.

A gente já nascida estava condenada, pelo pecado de ter maltratado e morto Jesus Cristo. Mas as crianças ainda não nascidas não podiam sofrer castigo, porque não tinham culpa alguma. Porém os anjos da guarda da Cruz não sabiam disso e iam castigá-los da mesma forma, porque o arcanjo S. Miguel esquecera-se de avisar sobre as crianças que nascessem naquela dia, que era justamente o da sentença de Deus.

Por isso, a Virgem Maria, que sabia do esquecimento de S. Miguel, em memória Jesus não deixou os anjos da guarda da Cruz castigarem as crianças nascidas nessa Sexta-feira, e então, para diferenciá-las das outras, fez um milagre: e mandou que a ventania das asas de prata do arcanjo ventasse sobre o olhos dos que fossem nascendo nesse dia santo, e ao brilho das armas de ouro, que brilhasse sobre eles.

E desse jeito todos ficaram assinalados e puderam ser diferenciados dos nascidos na véspera, e bem diferenciados, porque podiam ver através a água até o seu fundo e através as muralhas e montanhas até o outro lado delas, porque tudo ficou transparente para eles.

E como a Virgem Maria não disse que subisse outra vez ao céu a ventania das asas de prata do arcanjo nem o brilho das suas armas de ouro, esse dons ficaram na terra, e em todas as sextas-feiras santas procuram os olhos das crianças recém-nascidas, que então ficam com o dom de ver no escuro e através qualquer parede de pedra, madeira, ou ferro...

Para esses, nada existe escondido ou enterrado que seus olhos não vejam, como os dos outros homens, de dia claro; e isso porque nasceram em sexta-feira santa: os Zaorís...*

* Em relação ao argumento destas lendas — 1. 4 — reportamo-nos ao raciocinado estudo do Sr. Pe. C. Teschauer sob o título — Lenda do Ouro — (Rev. do Inst^o. do Ceará, tom. XXV-1911).

5

O Angoéra

O Angoéra, enquanto foi pagão, chamava-se desse nome; era um índio grande, forçado e valente; mas era triste, carrancudo e calado.

Quando os Padres de Jesus, entraram no sertão da serra, corridos que vinham doutro rumo, foi Angoéra, o tapejara, que conduziu sem erro a companhia; e quando os padres sentaram pouso, batizou-se.

E foi padrinho M'bororé, que era cacique e já amigo, muito, dos padres. O nome de Angoéra, pagão, ficou sendo Generoso, nome cristão.

E foi como cobra que deixa a casca...

Angoéra, que era triste, deixou a casca da tristura, e como Generoso, nome bento ficou prazenteiro.

E ajudou a botar pedra no alicerce de todas as igrejas dos Sete Povos. E durou anos, esse ofício!... E ele sempre risonho e cantador.

Um dia, chamou o padre-cura, confessou-se e foi ungido de óleo santo e morreu.

Generoso morreu contente, pois a cara do seu cadáver guardou ar de riso; e foi muito chorado, porque tinha a estima de todos, por ser mui prazenteiro e brincador.

De forma que a sua alma saiu-lhe do corpo, de jeito alegre; e então, invisível, entrava nas casas dos conhecidos, passeava nos quartos e salas, e para divertir-se fazia estalar os forros do teto e os barrotes do chão, e também os trates novos, e os balaaios de vime grosso; e se achava dependurada uma viola, fazia sonar o encordoamento, para alegrar-se com a lembrança das suas cantigas, de quando era vivo e cantava...

Outras vezes assobiava nas juntas das portas e janelas, espiando por elas os moradores da casa; e quando os homens, rodeavam a candeia, pitando, ou as crianças, brincando, ou as donas costuravam ou faziam nhanduti, o Generoso, — a alma dele, p'r'o caso — soprava devagarzinho sobre a chama da luz, fazendo-a requebrar-se e balançar-se, que para a sombra das cousas também mudar de estar quieta...

E muitas vezes — até o tempo do Farrapos —, quando se dançava o fandango nas estâncias ricas ou a chimarrita nos ranchos do pobrerio, o Generoso intrometia-se e sapateava também, sem ser visto; mas sentiam-lhe as pisadas, bem compassadas no rufo das violas... e quando o cantador do baile era bom e pegava bem de ouvido, ouvia, e por ordem do Generoso repetia esta copla, que ficou conhecida como marca de estância antiga: sempre a mesma...

“Eu me chamo Generoso,

“Morador em Pirapó:
“Gosto muito de dançar
“Co’as moças de paletó...”

.....

6

Mãe mulita

— O tatu, mais a mulita,
— É lei da sua criação:
— Sendo macho, não pode ter irmã;
— Sendo fêmea, não pode ter irmão.
(Cancioneiro Guasca.)

Este bicho foi mandado ficar assim desde que o rei dos judeus mandou matar duas mil crianças e a Virgem Maria fugiu para o Egito, para salvar o Menino Jesus, fugindo num carro pequeno, puxado por um burro petiço...

A certa altura do caminho a comitiva foi alcançada por uma comitiva do rei, com ordem de matar o Menino e algemar seus pais; porém Nossa Senhora, com os seus rogos e lágrimas conseguiu abrandar o centurião que comandava; e deu-lhe de presente, o burro.

Depois a Virgem Maria e S. José, com muito custo, lá foram empurrando o carro onde ia dormindo, muito sossegado, o Menino Jesus. E foram andando... andando... andando...

A escolta já ia seguir seu caminho, de volta, porém parou, porque o burro tinha-se empacado... Embalde o centurião chicoteou o animal; depois bateu-lhe com o pau da lança; depois com a bainha do espadão; nada!... o burro, sempre empacado!...

Os soldados todos, um por um, espancaram-no: o burro, sempre empacado!...

Todos os soldados juntos e ao mesmo tempo, espancaram-no; o burro sempre empacado!...

Então o centurião ficou furioso, dizendo-se enganado pela Virgem, que lhe dera tão ruim animal. E resolveu perseguir e prender os fugitivos, para seu castigo.

A Virgem e S. José não viram o que atrás deles se passava, somente ouviam o rumor das pancadas que os soldados davam no burro e as blasfêmias do centurião... E assustados, apuravam as forças, empurrando o carrinho.

Então o Menino Jesus acordou-se e teve fome; mas com muito cansaço e sofrimentos, o seio de Maria não apoiou...

Ele chorava, de pesar... e o Menino pegou a chorar, de fome...

Nisto apareceu uma mulita e Nossa Senhora disse-lhe:

— Mulita, se tens filhos, dá-me uma gota do leite para o meu filho!...

E a mulita parou-se e deu a gota de leite; mas era muito pouco e o Menino continuou chorando, com fome...

Nossa Senhora chorou de pesar e tornou a dizer:

— Mulita, chama tuas filhas, para cada uma dar uma gota de leite para o meu filho!...

— Senhora Virgem, respondeu a mulita, minha ninhada é grande, porém nele as filhas são poucas...

E chamou as suas poucas filhas, e cada uma deu uma gota de leite para acalmar a fome do Menino, que calou-se, farto.

Depois cada mulitinha tomou seu rumo, no deserto; só ficou a mulita mãe, acompanhando.

Quando iam já muito longe, avistaram a escolta que vinha em sua perseguição; e à frente, ameaçador, o centurião!...

Então a Virgem, muito aflita, disse:

— Mulita, dá-me a tua força, para puxar o carro do meu filho!...

E a mulita puxou; mas era tão pouca sua força, que o carro quase nada adiantava.

E a escolta cada vez mais perto!...

E Nossa Senhora chorou, de medo, e tornou a dizer:

— Mulita, chama os teus filhos, para darem a sua força e correrem, puxando o carro do meu filho!...

— Senhora Virgem, respondeu a mulita, a minha ninhada é grande, porém nela os filhos são poucos...

E chamou os seus poucos filhos, que começaram a correr, puxando o carrinho, do Menino Jesus...

E a escolta cada vez mais perto!...

Mas o carro, agora puxado pelos filhos da mulita ia sempre andando depressa.

Mas os cavalos são maiores que as mulitas e por isso vencem mais terreno... e já a escolta estava perto... perto..., quando levantou-se um medonho temporal de areia, que obrigou e o centurião a dispersarem-se entre gritos de raiva...

Então, quando viram que o Menino estava salvo, cada mulitanho tomou seu rumo no deserto; só ficou a mulita mãe, acompanhando.

Então Nossa Senhora tornou a dizer:

— Mulita, em memória das gotas de leite das tuas filhas, em memória da força dos teus filhos, deste dia em diante, de cada vez que deres ninhada, será sempre ou só de fêmeas ou só de machos!...

E a mulita respondeu:

— Pois que assim seja a vossa vontade, Senhora Virgem! Porém eu peço que ordeneis que o mesmo seja para a minha boa comadre, a tatua...

— Pois será, também!

Então a mulita tomou seu rumo, no deserto, e foi levar a nova a sua comadre tatua, que ficou muito contente...*

* O argumento destas duas lendas — 5, 6 — está desenvolvido baseado na tradição longínqua, e é de notar a acomodação bizarra dos elementos do seu entrecho.

7

São Sepé

“*Arroio S. Sepé* — no município de Caçapava; nasce a coxilha de Babiroquá e deságua no Vacacaí. *Deve o nome, que lhe foi posto pelos Jesuítas, ao célebre chefe índio José Tiaraiú, conhecido por Sepé*, vencido e morto na batalha de 7 de fevereiro de 1756, no sopé da Coxilha de Sta. Tecla, perto de Bagé.

Era à margem deste arroio que existia a sepultura do referido índio, indicada por uma grande cruz de madeira, com uma inscrição — *meio em latim, meio indiático* —, que quer dizer o seguinte:

† Em Nome de Todos os Santos †

No ano de Cristo Jesus de 1756

A 7 de Fevereiro

morreu combatendo

O grande chefe guarani Tiaraiú

em um sábado santo

† Subiu ao Céu dias antes do que †

o grande chefe da taba do Uruguai que morreu

em 10 de fevereiro em quarta-feira

combatendo contra um exército

de 15000 soldados.

† Aqui enterrado †

A 4 de Março

mandou levantar-lhe esta cruz

o padre D. Miguel

Descansa em paz

†

“Conforme a homenagem
prestada pelos Jesuítas
na inscrição e na
denominação do arroio, e
não havendo no calendário
católico santo de nome —
Sepé — temos de concluir
que as virtudes, o mérito
do grande chefe índio
foram forais para a sua
estranha — canonização —
no entretanto perdurável e
popularizada.

Foi sob tal aspecto que
recordamos aqui este curioso fato
.....”
(Cancioneiro Guasca).

O Lunar de Sepé

Eram armas de Castela
Que vinham do mar de além;
De Portugal também vinham
Dizendo, por nosso bem:
Mas quem faz gemer a terra...
Em nome da paz não vem!

Mandaram por serra acima
Espantar os corações;
Que os Reis Vizinhos queriam
Acabar com as Missões,
Entre espadas e mosquetes
Entre lanças e canhões!...

Cheiravam as brancas flores
Sobre os verdes laranjais;
Trabalhavam-se na folha
Que vem dos altos ervais;
Comia-se das lavouras
Da mandioca e milharais.

Ninguém a vida roubava
Do semelhante cristão
Nem a pobreza existia
Que chorasse pelo pão;
Jesus Cristo era contente
E dava sua benção...

Por que vinha aquele mal,
Se o pecado não havia?
O tributo se pagava
Se o vizo-rei pedia,
E, até sangue se mandava
Na gente moça que ia...

Eram armas de Castela
Que vinham do mar de além;
De Portugal também vinham,
Dizendo, por nosso bem:
Mas quem faz gemer a terra...
Em nome da paz não vem!

Os padres da encomenda
Faziam sua missão:
Batizando as criancinhas,
E casando, por união,
Os que juntavam os corpos
Por força do coração...

Do sangue dum grão Cacique
Nasceu um dia um menino,
Trazendo um lunar na testa,
Que era bem pequenino:
Mas era — cruzeiro — feito
Como um emblema divino!...

E aprendeu as letras feitas
Pelos padres, na escritura;
E tinha por penitência,
Que a sua própria figura
De dia, era igual às outras...
E diferente, em noite escura!...

Diferente em noite escura,
Pelo lunar do seu rosto,
Que se tornava visível
Apenas o sol era posto;
Assim era — Tiaraiú —,
Chamado — Sepé, — por gosto.

Eram armas de Castela
Que vinham do mar de além;
De Portugal também vinham
Dizendo, por nosso bem:
Mas quem faz gemer a terra...
Em nome da paz não vem!

Cresceu em sabedoria

E mando dos povos seus;
Os padres o instruíram
Para o serviço de Deus
E conhecer a defesa
Contra os males do ateus...

Era moço e vigoroso,
E mui valente guerreiro:
Sabia mandar manobras
Ou no campo ou no terreiro;
E na cruzada dos perigos
Sempre andava de primeiro.

Das brutas escaramuças
As artes e artimanhas
Foi o grande Languiru
Que lh'ensinou; e as façanhas,
De enredar o inimigo
Com o saber das aranhas...

E, tudo isto, aprendia;
E tudo já melhorava,
Sepé — Tiaraiú, chefe
Que o Sete Povos mandava,
Escutado pelos padres,
Que cada qual consultava.

Eram armas de Castela
Que vinham do mar de além;
De Portugal também vinham
Dizendo, por nosso bem:
Mas quem faz gemer a terra...
Em nome da paz não vem!

E quando a guerra chegou
Por onde os Reis de além,
O lunar do moço índio
Brilhou de dia também,
Para que os povos vissem
Que Deus lhe queria bem...

Era a lomba da defesa,
Nas coxilhas de I-bagé,
Cacique muito matreiro
Que nunca mudou de fé;
Cavalo deu a ninguém...
E a ninguém deixou de a pé...

Lançaram-se cavaleiros
E infantes, com partazanas,

Contra os Tapés defensores
Do seu pomar e cabanas;
A mortandade batia,
Como ceifa de espadananas...

Couraças duras, de ferro,
Davam abrigo à vida
Dos muitos, que, assim fiados,
Cercavam um só na lida!...
Um só, que de flecha e arco,
Entra na luta perdida...

Eram armas de Castela
Que vinham do mar de além;
De Portugal também vinham
Dizendo, por nosso bem:
Mas quem faz gemer a terra...
Em nome da paz não vem!

Os mosquetes estrondeam
Sobre a gente ignorada,
Que, acima do seu espanto,
Tem a vida decepada...;
E colubrinhas maiores
Fazem maior matinada!...

Dócil gente, não receia,
As iras de Portugal:
Porque nunca houve lembrança
De haver-lhe feito algum mal:
Nunca manchara seu teto...;
Nunca comera seu sal!...

E de Castela tampouco
Esperava tal furor;
Pois sendo seu soberano,
Respeitara seu senhor;
Já lhe dera ouro e sangue,
E primazia e honor!...

A dor entrava nas suas carnes...
Na alma, a negra tristeza,
Dos guerreiros de Tiaraiú,
Que pelejavam defesa,
Porque o lunar divino
Mandava aquela proeza...

Eram armas de Castela
Que vinham do mar de além;
De Portugal também vinham

Dizendo, por nosso bem:
Mas quem faz gemer a terra...
Em nome da paz não vem!

E já rodavam ginetes
Sobre os corpos dos infantes
Das Sete Santas Missões,
Que pareciam gigantes!...
Na peleja tão sozinhos...
Na morte tão confiantes!...

Mas, o lunar de Sepé
Era o rastro procurado
Pelos vassalos dos Reis,
Que o haviam condenado:...
Ficando o povo vencido...
E seu haver... conquistado!

Então, Sepé, foi erguido
Pela mão do Deus — Senhor,
Que lhe marcara na testa
O sinal do seu penhor!...
O corpo ficou na terra...
A alma, subiu em flor!...

E subindo para as nuvens,
Mandou aos povos — benção!
Que mandava o Céus — Senhor
Por meio do seu clarão...
E o — lunar — da sua testa
Tomou no céu posição...

Eram armas de Castela
Que vinham do mar de além;
De Portugal também vinham
Dizendo, por nosso bem:
Mas quem faz gemer a terra...
Em nome da paz não vem!

Esta melopéia (?), ouvi-a em 1902, sofrivelmente recitada por uma velhíssima mestiça — Maria Genoria Alves — moradora na picada que atravessa o rio Camaquã, entre os municípios de Cangussu e Encruzilhada.

Aparte as deturpações aberrantes dos vocábulos e a difícil colocação, concatenada dos versos, conservei a forma original, difusa, opaca e, do mesmo passo ingênua e amável, dentro da qual porém, sente-se que estremece uma idealização, tendente a aureolar a figura do chefe índio, superiorizando-a por um signo misterioso — o lunar —, mandado divino...

Deixei de parte alguns versos cujo sentido disforme e expressão eram de impossível entendimento e acomodação neste grupo. Relembração popular do heróico guarani é esta (e procedência?...) a única que até hoje hei encontrado em não pequena perambulação.

8

O Caapora

É um espírito com forma de homem, gigante, peludo e muito tristonho, que comanda as varas de porcos do mato e anda sempre montado sobre um deles.

Quem topar com o Caapora daí em diante arrastará consigo a infelicidade (caiporismo), para todo o resto da sua vida; se era bom torna-se mau caçador, pescador; dará topadas no caminho, espinhar-se-á nas roçadas, perderá objetos, andará atrasado, apoquentado...

Os animais domesticados também sentem a sua má influência, e entecarão, terão gogo, sofrerão bicheiras... No entanto o Caapora protege a caça bravia dos matos.

9

O Curupira

É o espírito malfazejo do mato, que enreda os trilhos do caminho para enganar os andantes e sugar-lhes o sangue.

Andam sempre em casal e moram no oco dos paus de lei; aparecem de repente, fazem os seus embustes e escondem-se, à tocaia, rindo-se em silêncio.

O Curupira é como um tapuio pequeno; tem os dentes verdes e os pés colocados às avessas.

Quando perseguido pelo curupira, o melhor meio de fugir-lhe é atirar-lhe e ir deixando pelo caminho cruces e rodilhas de cipó, entrançadas; ele entretém-se a examinar o achado e a destrançá-lo, e enquanto isso, o perseguido escapa-se.

10

O Saci

Era um caboclinho, dum pé só, muito ágil, que saltava na garupa dos cavalos dos viajantes. Gostava das picadas e das encruzilhadas das estradas sombreadas. Outros diziam que o Saci, apenas era manco de um pé e tinha uma ferida em cada joelho; que usava um barrete feito das _marrequinhas_ (flores da corticeira), e que era ele que governava as moscas importunas, as mutucas, os mosquitos.

11

A Oiára

“A Oiára — ou Mãe-d’água — é um demônio macho-fêmea dos rios. É um tapuio ou tapuia de rara beleza, morador do fundo dos rios ou lagos, e que fascina aquele que cai em seu poder, induzindo a pessoa fascinada a lançar-se n’água. O indivíduo fascinado pelas Oiáras, se não chega afogar-se, ao ser retirado da água, declara ter visto palácios encantados, no fundo do rio, tendo sido acompanhado nesse passeio por uma bela mulher (se é homem, e por dois belos tapuios se é mulher).

Ao voltar à terra as Oiáras o soltam e de novo vão para o rio, mas deixando em seu lugar pequenos tapuios para guardar o enfermo. Estes pequenos tapuios devem impedir que outros espíritos se apoderem da vítima.”

12

O Jurupari

É um espírito mau, que à noite aperta a garganta das crianças e até dos homens, para trazer-lhes aflição e maus sonhos, principalmente por haverem comido muito antes de se deitarem. É ele que faz o _pesadelo_ nas criaturas.

13

O Lobisomem

Diziam que eram homens que havendo tido relações com as suas comadres, emagreciam; todas as sextas-feiras, alta noite, saíam de suas casas transformados em cachorro ou porco, e mordiam as pessoas que tais desonras encontravam; estas por sua vez ficavam sujeitas a transformarem-se em lobisomens...

14

A Mula sem cabeça

Diziam que as mulheres de má vida, relacionadas com padres, se transformavam, tarde da noite, em mula, sem cabeça, e conduzindo na cauda um facho de fogo, que nenhum vento ou chuva apagava antes de romperem as barras do dia...

15

A lenda referente aos — enterros — (dinheiro, jóias, baixelas enterradas) tem a sua origem na crença das almas do outro mundo — os espíritos — “A alma de quem morreu sem deixar notícias do dinheiro que tinha escondido ou guardado em tal e tal lugar, anda penando. As luzes azuladas que se observam de noite nos campos e em redor das povoações, que volteiam e afinal se desvanecem, não são senão almas penadas.

“Só quando um cristão descobrir o — enterro — é que hão de cessar de aparecer e de penar”

Se o — enterro — está da habitação ouve-se ruídos, pancadas, gemidos... são as casas — mal assombradas. —

A lenda da — Lagoa brava — é apenas uma variante da dos Serros bravos e tem a sua contextura na da Oiára. A da lagoa do Iberá, bem como a dos salamanqueiros, do nhandu — tatá e outras, são mais do acervo rio-platense-andino.

Há ainda, de formação local, muitas _histórias_ ingenuíssimas e curiosas, tais como a dorme-dorme (ave vespertina); porque a pomba não sabe fazer seu ninho; porque a capivara é rabona (sem cauda); a do anu, ladrão do ninho alheio; a do João barreiro, e outras muitas, para adormecer crianças...*

* O argumento das lendas desta série — 8, 14 — consta do livro — Cancioneiro Guasca — do autor. (Edit. Echenique & C. — 1910) A sua versão e influência correram, aliás mui fracamente entre as gentes antigas da campanha rio-grandense.

— The I Ching (Yi King) — James Legge (Public Domain (Project Gutenberg))